



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
CURSO DE MUSEOLOGIA

WANDERLENA DO SOCORRO CORRÊA VERÍSSIMO

**MUSEOLOGIA E MEMÓRIA DO MUSEU/ARQUIVO  
HISTÓRICO DA SANTA CASA DR. ALÍPIO BORDALO  
DE BELÉM-PA**

BELÉM - PARÁ  
AGOSTO 6 2013

WANDERLENA DO SOCORRO CORRÊA VERÍSSIMO

**MUSEOLOGIA E MEMÓRIA DO MUSEU/ARQUIVO  
HISTÓRICO DA SANTA CASA DR. ALÍPIO BORDALO  
DE BELÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
obtenção do grau de Bacharel em Museologia,  
Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal  
do Pará-UFPA.

Área de Concentração: Museu, Museologia e  
Ciência.

Orientador: Prof. MSc. Diogo Jorge de Melo.

BELÉM - PARÁ  
AGOSTO 6 2013

WANDERLENA DO SOCORRO CORRÊA VERÍSSIMO

**MUSEOLOGIA E MEMÓRIA DO MUSEU/ARQUIVO  
HISTÓRICO DA SANTA CASA DR. ALÍPIO BORDALO  
DE BELÉM-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para  
obtenção do grau de Bacharel em Museologia,  
Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal  
do Pará-UFPA.

Área de Concentração: Museu, Museologia e  
Ciência.

Orientador: Prof. MSc. Diogo Jorge de Melo.

Data da Aprovação:

Banca Examinadora:

---

Membro Diogo Jorge de Melo

Titulação MSc

Instituição UFPA

---

Membro Helena Quadros

Titulação MSc

Instituição Museu Paraense Emílio Goeldi

---

Membro Sue Anne Regina Ferreira Costa

Titulação Dr<sup>a</sup>

Instituição UFPA

Em memória póstuma de minha querida mãe  
Maria das Graças Corrêa Veríssimo, todo meu  
amor e carinho.

•Você pode sonhar, criar, desenhar e construir  
o lugar mais maravilhoso do mundo... Mas é  
necessário ter pessoas para transformar seu  
sonho em realidade...•

Walt Disney

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar meus agradecimentos primordialmente a Deus, com ele é tudo é possível, aos meus familiares, principalmente meu filho, por quem estou realizando um sonho há muito tempo adiado; agradeço por sua paciência. A minha mãe, que mesmo não estando mais entre nós sei que estaria muito feliz por essa vitória e ao meu pai por sempre estar ao meu lado e todos os meus outros familiares que torceram e me incentivaram. Também não posso deixar de agradecer a equipe do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa de Misericórdia, principalmente o Dr. Alípio Bordalo que me recebeu de braços abertos, que mesmo com seus 81 anos de idade, me acompanho nas diversas visitas realizadas ao Museu. Conhecer seus sentimentos e sua dedicação a este Museu foi de fundamental importância para minha formação. Da mesma forma, agradeço a Renata Campelo e a Patrícia Castelo, funcionárias da Santa Casa, que sempre se dispuseram com sua atenção e carinho nas minhas visitas à instituição. Também não posso de agradecer o meu orientador, Diogo Jorge de Melo, que muito me ajudou e por acreditar em mim. Seria ingratidão da minha parte em não dizer-lhe um muito obrigado e me sinto honrada por conhecê-lo. Também lembro da minha irmã Nazaré Veríssimo Araújo e meu amigo Vinícius de Moraes Monção por suas sugestões e correções e a Doriene Monteiro por me auxiliar no *abstract*. Por fim, a todas as pessoas que me auxiliaram de forma direta ou indireta, como alguns amigos e professores do curso.

## RESUMO

O Museu Arquivo/Histórico da Santa Casa Dr. Alípio Bordalo de Belém do Pará é um museu que preserva a história e a memória de uma instituição que possui 363 anos de assistência a sociedade paraense. Sendo as Santas Casas de Misericórdia, modelo institucional de assistência aos necessitados criada na Itália no século XII, tornou-se marca de ação da coroa portuguesa. A mesma foi implementada no Brasil em 1543 em Santos e no Pará, em 1650. Quando foi criada Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Pará, fundada na atual cidade de Belém. Mudando de nome por intervenções do Estado, a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará oficializou este nome em 1990. A Santa Casa em 22 de junho de 1987 fundou um museu que tem como objetivo resgatar a história e memória das ciências médicas paraense. Museu que possui em seu acervo uma diversidade de acervos que vão de 15 coleções. Logo a proposta deste trabalho encontra-se na possibilidade de aprimorar o conhecimento sobre a realidade desta instituição museológica, fazendo um paralelo entre a sua história oficial e as memórias das pessoas que atuaram nesta instituição. Este trabalho pretende, através de um olhar advindo da Museologia e seus preceitos teóricos, dar ênfase à realidade museológica da instituição e os processos que se fazem presentes na mesma assim como resgatar memória de pessoas que atuaram neste museu, como o Dr. Alípio Bordalo, MSc. Euler Arruda e Dr. Márcio Couto Henrique.

**Palavras-chave:** Museu, Museologia, Memória e Santa Casa da Misericórdia do Pará.

## **ABSTRACT**

The Museum Archives / History of Santa Casa Dr. Alipio Bordallo of Belém do Pará is a museum that preserves the history and memory of an institution that has 363 years of service to society Para. Being the Santa Casa de Misericórdia, institutional model of care to the needy created in Italy in the twelfth century, became action tag of the Portuguese crown. The same was implemented in Brazil in 1543, in Santos and Para in 1650. When was Holy House of Mercy of Pará, founded on the present town of Bethlehem Changing name by state interventions, the Santa Casa de Misericórdia Para officiated this name in 1990. The Santa Casa founded on June 22, 1987 a museum that aims to rescue the history and memory of Para Medical Sciences. Museum that has a variety of collections, with a total of 15 collections. Soon the purpose of this work lies in the possibility of improving the knowledge about the reality of this museum institution, establishing a union between their official history and the memories of people who worked in this institution. This work intends, through the eyes of Museology and its theoretical principles, emphasizing the reality of museological institution and processes that are present in the same well as "rescue" the memory of people who worked in this museum, as Dr. Alipio Bordallo , MSc. Euler Arruda and Dr. Márcio Henrique Couto.

**Keywords:** Museum, Museology, Memory and Santa Casa de Misericórdia do Pará.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Asilo Tucunduba.....	26
Figura 2	Monumento em homenagem a Frei Caetano.....	29
Figura 3	Placa da estátua do Frei Caetano.....	30
Figura 4	Placa com interferência.....	30
Figura 5	Frente do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia do Pará em 1902.....	31
Figura 6	Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia do Pará em 1902.....	31
Figura 7	Figura Tese um do aluno da primeira turma de medicina, Hippolyto Carelly.....	32
Figura 8	Tese de Doutorado de Avertano Rocha.....	33
Figura 9	Diploma de médico da Bettina Ferro de Souza.....	34
Figura10	Moeda de 100, 200, 500, 1.000 e 5.000 Réis, pertencente ao acervo do MAHSC.....	38
Figura11	Boletim Informativo Série II ó ano I Nº 2 dezembro de 2008.....	42
Figura12	Livro de registro de entrada e saída do Hospital de Caridade Bom Jesus dos Pobres.....	47
Figura13	Corredor da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.....	52
Figura14	Salão de exposição do acervo eclético em uma das salas do museu.....	52
Figura15	Segunda sala denominada de Salão Nobre Fonte.....	53
Figura16	Saleta e entrada do Museu.....	53
Figura17	Catálogos do MAHSC Nº 1, 2, 3.....	54
Figura18	Museu da Santa Casa de São Paulo.....	61
Figura19	Museu da Santa Casa da Bahia.....	61
Figura20	Museu da Santa Casa de Valença, no Rio de Janeiro.....	62

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1.1</b>	<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>12</b>
	1.1.1 OBJETIVO GERAL .....	12
	1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	12
<b>1.2</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>HISTÓRICO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE BELÉM DO PARÁ</b> <b>.....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>HISTÓRICO DO MUSEU/ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DR.</b> <b>ALÍPIO BORDALO.....</b>	<b>36</b>
	4.1 MEMÓRIAS DO DR. ALÍPIO BORDALO, MSr. EULER ARRUDA E DR. MÁRCIO COUTO HENRIQUE.....	43
<b>5</b>	<b>MUSEOLOGIA NO MUSEU/ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DR.</b> <b>ALÍPIO BORDALO, SUAS COLEÇÕES E EXPOSIÇÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>6</b>	<b>MUSEUS DE SANTAS CASAS NO BRASIL.....</b>	<b>60</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>68</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na cidade de Belém do Pará são poucas as pessoas que conhecem o Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa Dr. Alípio Bordalo, da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. Fato causado principalmente por este estar localizado dentro do hospital e ser constituído em salas reservadas, onde são resguardados bens materiais e imateriais e peças de outrora. A sala muitas vezes é confundida com capela. Tal desconhecimento priva a sociedade paraense de usufruir de sua história, lembrando que a Santa Casa é também a maior maternidade do Estado e grande parte da população paraense nasceu em seus leitos. A partir deste fato que encontramos a proposta inicial desta pesquisa, que buscará desvelar esse museu através dos seus documentos materiais, dos objetos por ele resguardados e por depoimentos coletados. Lembramos também, que além de ser um museu, este também é um arquivo, com alguns deles do século XIX. Pois como veremos no histórico da instituição, o arquivo acabou sendo um anexo documental que foi agrupado ao museu.

Com base nestes dados, entendemos como justificativa desta pesquisa a possibilidade de aprimorar o conhecimento sobre a realidade desta instituição museológica, fazendo uma união entre a sua história oficial e as memórias das pessoas que atuaram nesta instituição. No caso, o Dr. Alípio Bordalo<sup>1</sup>, o professor da Universidade Federal do Pará, arquiteto, museólogo e fundador do Conselho Federal de Museologia, MSc. Euler Santos Arruda e o antigo funcionário do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa Professor da Universidade Federal do Pará, antropólogo Dr. Márcio Couto Henrique.

O desenvolvimento do presente trabalho propõe destacar e provocar a reflexão sobre o assunto, para isso será realizado através de um olhar advindo da Museologia e seus preceitos teóricos, lembrando que ainda foram poucos os autores que se dedicaram a escrever sobre o museu e a instituição de forma geral. Ressaltamos que o enfoque apesar de lidar com as questões históricas e sobre memórias, a nossa intenção é também dar ênfase à realidade museológica da instituição e os processos que se fazem presentes na mesma.

Perspectiva de análise que faz surgir algumas questões como: como estão classificados os acervos museológicos e históricos do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa (MAHSC)? E qual a quantidade de coleções existente nesse acervo?

---

<sup>1</sup> O título de Doutor está sendo empregado para Alípio Bordalo, por sua formação na área de medicina e por sua trajetória acadêmica na instituição e a relação de respeito com o mesmo, contudo, destacamos que o mesmo não possui esta titulação acadêmica.

Através desses questionamentos esta pesquisa pretende saber que tipos de acervo são encontrados no museu, suas coleções e quantidade destas catalogadas, que servirão como base teórica para possíveis futuros estudos, tanto na área de Museologia, como outras áreas do conhecimento. Trata-se de um riquíssimo acervo histórico da medicina que poucos paraenses e mesmo funcionários da instituição conhecem tal patrimônio da sociedade paraense.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Fazer uma leitura museológica da instituição, buscando entender o seu funcionamento e a organização/constituição de seu acervo.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- Realizar um breve levantamento bibliográfico da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará (FSCMP) e do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa (MAHSC) para desenvolver o histórico da instituição;
- Realizar entrevistas com o Dr. Alípio Bordalo, o MSc. e Museólogo Euler Santos, o historiador e Dr. Marcio Couto Henrique;
- Fazer uma análise do quantitativo real do acervo;
- Fazer uma análise museológica da instituição.

## 1.2 METODOLOGIA

O curso de Museologia em Belém do Pará foi implantado no ano de 2009, o primeiro na região Norte pela Universidade Federal do Pará, atualmente constam cinco turmas aproximadamente, com 130 alunos. Resultado do trabalho desenvolvido por um grupo de pesquisa de professores do curso de Museologia, intitulado "Além dos muros do Museu", com a linha de pesquisa "Museu, Museologia e Ciência".

A proposta da pesquisa apresentada neste Trabalho de Conclusão de Curso partiu da área de concentração de conhecimento "Museu, Museologia e Ciência". Segundo Melo e Costa (2011) a linha de pesquisa se baseia:

A linha de pesquisa busca entender as diversas relações de dois campos do conhecimento, o da ciência em sua amplitude, principalmente nas vertentes das Ciências Naturais e Tecnológicas, e o da Museologia. Fazendo com que nessa linha de pesquisa incluam-se estudos temáticos sobre a História da Ciência e dos Museus de Ciência e Tecnologia, estudos de análises de acervos científicos, assim como processos comunicacionais, educacionais e de divulgação científica (MELO E COSTA, 2011, p. 6).

Pensando no contexto Museu enquanto lugar de objetos significativos de uma cultura, a Museologia vai estudar estes objetos e a Ciência. É um campo de informação em que a Museologia visa a busca de fatos da historiografia desses objetos para com o intuito do conhecimento, da comunicação e da reflexão dos mesmos.

Na cidade de Belém observamos museus de ciência que abrangem esta linha de pesquisa, como o caso do objeto de estudo do MAHSC, determinado pela diversidade dos objetos preservados em seu museu, em sua maioria relacionada à evolução da medicina, aguardando para serem estudados (MELO E COSTA, 2011).

Este trabalho se baseia no método qualitativo de pesquisa. Sendo primordialmente realizado um levantamento bibliográfico sobre a historiografia e a museologia da instituição. Como no caso dos trabalhos historiográficos de Arthur Vianna (1992) e do Dr. Alípio Bordalo (2000). Este segundo já faz uma historiografia do surgimento do MAHSC, buscando, além de uma leitura dos aspectos históricos e sociais, uma narrativa da formação dos acervos da instituição.

Para o entendimento do olhar da Museologia usaremos textos de teoria e conceitos museológicos como os de Tereza Scheiner (1998, 2005, 2008, 2012), Mário Chagas (1994, 2002) e outros teóricos da museologia ou áreas afins, de Michael Pollak (1989, 1992), Pierre Nora (1993), Pomian (2000), que abordam memória, história e identidade, auxiliando para o entendimento de tipologias do museu estudado, do seu acervo, assim como desenvolver reflexões sobre o contexto específico da museologia.

Também foram levantados trabalhos mais específicos ao MAHSC, de Márcio Couto Henrique (2008, 2009 e 2012), que aborda a questões das experiências dos visitantes e suas reflexões frente ao museu e o descaso em relação ao patrimônio da instituição e a decadente educação patrimonial para funcionários e visitantes em valorização do museu.

Colecionar é contar história. Este fato está ligado à necessidade de preservar coisas significativas. Logo seria incorreto pensar que a coleção é meramente a reunião de objetos que se assemelham por categoria, formato, período histórico ou temático, fora do circuito das atividades de sua antiga função (POMIAN, 2000).

Assim, contemplamos a história oral como um processo metodológico que facilita a articulação com estas fontes de memória, pois a história oral permite fazer uma história do tempo presente, princípio da metodologia usada por Michael Pollak (1989 e 1992), que possui um posicionamento crítico para com as fontes orais consistirem em validadas como documento histórico. Porém um dos maiores conflitos encontrados com as fontes orais seria a falta de cronologia dos relatos, variando com as experiências de cada pessoa. O exemplo disso são os relatos da entrevista entre Dr. Alípio, Euler Arruda e Márcio C. Henrique, falando sobre a formação do MAHSC, na entrevista são recolhidas as memórias individuais: acontecimentos vividos em que a memória grava datas através de um acontecimento (POLLAK, 1992).

A pesquisa oral é uma ferramenta de pesquisa fundamentada com a documentação, em que podemos captar até emoções sentidas pelo entrevistado, tornando assim a pesquisa do corpo a corpo, daí a sensibilidade em que o autor da pesquisa oral deve ter, e é importante que o recurso do papel não contenha esta excitabilidade explicitada no documento possibilitando a interferência. (POLLAK, 1992).

A entrevista realizada com Dr. Alípio Bordalo, no dia 23 de maio de 2013, somando quatro horas, vale ressaltar, com uma fonte viva de informações, foi realizada com a utilização de um gravador, caderno de anotações e câmera fotográfica em modo de gravação. A expectativa era tamanha que resultou em uma conversa informal bastante proveitosa que percorreu a trajetória de vida do entrevistado e a ideia do surgimento do Museu.

Com Euler Arruda, a entrevista no dia 27 de junho de 2013, mesmo processo, contou sobre sua trajetória de vida, dos projetos realizados, suas experiências com a museologia lhe rendeu a 4ª edição da premiação da Medalha do Mérito Museológico, no dia 18 de dezembro, dia do Museólogo em 2010. Além da contribuição para a criação do curso de Museologia na Universidade Federal do Pará (UFPA), implantado em 2009, sendo a primeira na região Norte do Brasil. Em que foi uma honra como estudante da primeira turma em entrevistá-lo.

Outra entrevista, distinta das anteriores, foi feita com Prof. e Dr. Marcio Couto Henrique. Atualmente o entrevistado não compõe mais o quadro de funcionários da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará e, por ocasião, se encontrava em outra cidade, a de Altamira, e tendo em vista sua importância para a história do Museu em questão, partimos para o contato on-line via *e-mail*. Acreditamos ser uma possibilidade de empregabilidade para a metodologia escolhida, pois, no tempo em que vivemos, as tecnologias rompem as

barreiras do espaço e do tempo, assim rompendo barreiras físicas e culturais recorro a Scheiner (1998) para explicar a nova relação do homem com o tempo real:

O novo modo de apreensão da realidade e de atuar as coisas instaura também no cenário contemporâneo uma nova relação do homem com a matéria pela primeira vez após o aparecimento da escrita, a informação prescinde da impressão física, concretizando-se numa explosão de mensagens por via eletrônica. Ambientes, objetos e personagens são criados em espaços desmaterializados, uma comunidade virtual-textual vive, se comunica, roda em rede e cria livremente, interconectando-se via computador. A ferramenta básica já não é o objeto, mas a palavra e a imagem digitalizadas ó que veiculam em escala planetária, a fabulosa massa de informação agora disponível ao homem comum (SCHEINER, 1998, p.08).

Estes dados se somarão as informações e colocarão um sentido mais afetivo e pessoal para esta história institucional, que deve ser pensada como algo inseparável da História do Dr. Alípio Bordalo, o idealizador e o principal promotor do MAHSC.

Com base neste intuito, também foram realizadas visitas técnica<sup>2</sup> à instituição, onde foram coletados dados para entender o acervo e o funcionamento do MAHSC. Isto é, identificar como os acervos estão classificados e como foram organizados e expostos, na lógica museológica da instituição.

Desta forma, este trabalho está estruturado sob a forma de quatro capítulos, além da introdução.

No capítulo inicial tomamos como ponto de partida um breve panorama a história das Misericórdias na Europa, o surgimento das Confrarias no Brasil chegando a da Irmandade Santa Casa de Misericórdia do Pará, do surgimento do Hospital de Caridade à Fundação Santa da Casa de Misericórdia Pará.

No capítulo seguinte falaremos o surgimento do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa Dr. Alípio Bordalo, das reuniões que deram o surgimento do museu, assim como também a coletas dos objetos para a formação do acervo de sua coleção, além, da criação do Núcleo Cultural e os lançamentos dos Catálogos.

No subcapítulo abordaremos através da oralidade das memórias de Dr. Alípio Bordalo e do MSc Euler dos Santos Arruda, na entrevista concedida nos meses de Maio e Junho do ano de 2013, falando do surgimento do Museu e além de descrever sobre a coletânea e/ou acervo do referido museu e as experiências museológicas. Para completar, uma entrevista

---

<sup>2</sup> As visitas técnicas foram poucas, devido da falta de pessoa para acompanhamento e orientação da pesquisa, a funcionária que fica no museu estava de férias ficando o museu fechado tanto para visitaçao como para pesquisa, prejudicando em parte o aprofundamento do estudo. Contava com a disponibilidade do Dr. Alípio Bordalo, com seus 81 anos, para acompanhar-me, porém, o mesmo se ocupa não apenas com o museu, mas, também do Núcleo Cultural e é editor do periódico da Revista Paraense de Medicina.

com historiador concursado pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará em 2008, Prof. e Dr. Marcio Couto Henrique, hoje professor de História da UFPA. A entrevista feita via e-mails, feita dia 12 de julho de 2013 e respondida no dia 15 de julho do mesmo ano, devido o mesmo não se encontrar em Belém em viagem em Altamira, respondendo as perguntas da entrevista, em que contribuíram bastante o trabalho.

Outro capítulo descrevendo as coleções e a exposição do Museu, numa perspectiva museológica e sua especificidade do seu acervo eclético, procurando a partir dela, identificar a tipologia do museu e suas implicações e traçar perspectivas.

O capítulo subsequente informações de Santas Casas no Brasil, um panorama, não muito aprofundado, com intuito de demonstrar algumas delas que são abertas ao público, e seu tempo de fundação, como parte de uma informação para o leitor.

Por fim o eixo alvo aqui tratado é a aproximação nas questões sugeridas nesse trabalho e com ela contribuir para a compreensão acerca do universo museológico do MAHSC.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA E REFERENCIAL TEÓRICO

Para início de conversa vale ressaltar que são poucas as referências de trabalhos que versaram estudos sobre a história da Santa Casa e do MAHSC, sendo apresentadas a seguir as principais fontes bibliográficas levantadas. Fontes que se somam as fontes orais coletadas e que conduze a um entendimento dos aspectos da história, historiografia e museologia da instituição.

A história da Santa Casa de Misericórdia do Pará foi contada pela primeira por Arthur Vianna em 1902 (VIANNA, 1992), a pedido do então Provedor da Misericórdia, Antônio José de Lemos (1843-1913), se utilizando em seu trabalho de fontes primárias e secundárias. Pesquisa que resultou no livro *õA Santa Casa da Misericórdia Paraense, Notícia Histórica 1650-1902õ* (VIANNA, 1992). Posteriormente Alípio Bordalo (2000), baseou-se no trabalho citado anteriormente e recorrendo a novas fontes históricas, como livros de ata, relatórios, recortes de jornais, aprofunda este contexto histórico no livro *õA Misericórdia Paraense, Ontem e Hojeõ*. Livro em que Alípio fala sobre a instituição até a formação do MAHSC.

Outro artigo que cabe ser citado, por ter contribuído notoriamente à historiografia da instituição, foi o de Aristóteles Guilliod de Miranda (2010), *õA medicina no Estado do Pará, Brasil: dos primórdios à Faculdade de Medicinaõ*, que versa a história da medicina no Pará e cita a importância da Santa Casa neste contexto.

Também não podemos deixar de citar os notórios artigos de Marcio Couto Henrique (2008, 2009 e 2012), que falam da historiografia e de aspectos museológicos do MAHSC. Assim como o seu artigo, que falam do Asilo Tucunduba, que pertenceu a Santa Casa da Misericórdia do Pará (Escravos no Purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX). *História, Ciências, Saúde ó Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol19., supl., dez. 2012, p.153-177).

Até devemos considerar que informações de grande valia são encontradas nos Boletins Informativos do MAHSC, vinte e cinco exemplares que versão sobre aspectos específicos do MAHSC feito por Bordalo (1988abcd; 1989abcd; 1990abcd; 1991abcd; 1992abcd; 1993abc; 1994ab).

Márcio Couto Henrique editou mais dois volumes deste *Boletim Informativo*, em 2008, denominado de *Série II*, voltando a ser numerado como ano I (HENRIQUE, 2008ab). Também foram publicados três catálogos dos acervos do museu, todos feitos por Bordalo, que

trazem informações sobre os objetos contidos no museu (1997 2007 e 2012 este último lançado em 2013).

Adentrando no referencial teórico, iniciamos destacando a definição de Museu segundo Comitê Internacional de Museus (ICOM), que menciona:

Um museu é uma instituição sem fins lucrativos, permanente a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu ambiente para fins de educação, estudo e diversão (ICOM ó 21ª Assembleia Geral, Viena, Áustria, em 2007).

Apesar de esta ser uma definição de âmbito prático, ela nos ajuda a entender um pouco do que vem a ser esse universo dos museus. Sabemos que os Museus são representações da sociedade humana e que estão voltados para a difusão e preservação do patrimônio de forma geral. Consequentemente se dedica ao ensino, pesquisa, conservação, documentação e preservação de evidências materiais do homem e do seu ambiente, assim trabalhando também em uma dualidade entre o universo tangível, aquele que pode ser tocado, e intangível da cultura, aquilo que não pode ser tocado, como os processos intrínsecos das manifestações e tradições culturais.

A origem da palavra Museu na maioria das vezes é atribuída à palavra do grego *Mouseion*, o *õtemplo das musasõ*. Local onde estas entidades femininas, responsáveis pela criatividade e inspirações artísticas eram cultuadas. Estas eram filhas de Zeus, o deus supremo no panteão grego, com *Mnemósine*, a deusa da Memória. Deusa responsável por dar aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado, isto é, lembrá-los para a coletividade (SCHEINER, 2008).

Um exemplo de instituição que começa a seguir esta ideologia é o *Mouseion* de Alexandria, o primeiro centro cultural da humanidade, um Museu, em termos de sua complexidade. O mesmo existiu no antigo Egito, mas especificamente na dinastia dos Ptolomeus, no século 3 a.C.. Por exemplo, Christian Jacob (2000) fala da existência de uma preocupação em conservar, mostrando que já havia um interesse dos Ptolomeus nos livros originais dos viajantes, pois *õOs livros são confiscados a bordo de todos os navios que entram no porto de Alexandria, copiados por escribas ó entrega-se a cópia ao proprietário e se deposita o original na bibliotecaõ* (JACOB, 2000, p.50).

Esta percepção já indica uma forma sofisticada de colecionismo, onde o original tem um valor de relíquia, adquirindo uma aura que o dignifica a preservação. Lembramos

também, que antes mesmo de descansar nas prateleiras do museu, era feito um sistema de identificação, com nome do antigo proprietário e o nome do revisor e do editor, guardando assim o vestígio da origem do livro<sup>3</sup> e, conseqüentemente, este objeto adquire uma categoria. Desta forma podemos entender em sua maioria das vezes a semelhança entre estes processos do passado com os dos tempos atuais.

É importante enfatizar que este Centro Cultural de Alexandria se tratava de um edifício que abrigava várias instalações, cada uma, relacionada a áreas distintas do conhecimento, como: jardim botânico, zoológico, arte e filosofia, englobando bibliotecas, museus, arquivos e espaços de convivências, que buscavam em sua estrutura, acolher uma erudição de todo o conhecimento do mundo (JACOB, 2000). Logo nesta *õconcepção museológicaõ*, o Museu é entendido como um recinto sacralizado, um lugar, um templo para a guarda da memória, sendo suas relíquias as representações do conhecimento humano, principalmente o seu passado. Conseqüentemente este processo representa a preponderância do domínio do modelo de Museu baseado no *Mouseion*, o templo das musas, um local de relíquias, de guarda de espólio e de ostentação de poder e riqueza.

Avançando no entendimento dos Museus, Scheiner (2005), nos mostra que existe outra origem para o termo, que preconiza um distinto entendimento da origem palavra *õmuseuõ*, o termo *Mousàion*. Pois este termo, diferentemente do primeiro, que se refere ao *õTemplo das Musasõ* e entende os museus como uma instituição fechada em um prédio que guarda relíquias, nos possibilita apresentar uma amplitude de interpretações dos fenômenos museológicos, inclusive possibilitando uma ideologia do pensar uma Museologia aberta, pois o termo está ligado a uma manifestação popular, que transita em contextos que caminham entre o sagrado, o popular e o erudito. Algo que estaria próximo do carnaval e especificamente, no caso paraense, ao Círio de Nazaré ou até mesmo a Festa da Chiquita e o Movimento de Saúde Mental (MELO & VERÍSSIMO, 2012).

Como exemplo desta distinta perspectiva museológica, temos o movimento da Nova Museologia, que estruturou conceitualmente os Ecomuseus e Museus Comunitários. Pois, o termo *Mousàion* se refere, conforme Tereza C. Scheiner (2005) a uma:

Instância de presentificação das musas, de recriação do mundo por meio da memória. Ele pode existir em todos os lugares, em todos os tempos: espaço simultaneamente intelectual e criativo, existirá onde o Homem estiver, e na medida em que assim for nominado. Potência inesgotável, recria-se continuamente,

---

<sup>3</sup> Vale ressaltar que os livros daquela época não eram o modelo que nós conhecemos em tempos atuais e sim papiros, desenrolar e enrola, entre 2,50m e 12m de uma fita vegetal frágil de manipular, numa altura média de 16cm a 30cm (JACOB, 2000, p.54).

seduzindo o ouvinte com o fascínio de sua voz. E como as palavras falam do que é real e do que não é real, o Museu pode ser, simultaneamente, a verdade (real) e a ilusão da verdade (fantasia); a permanência (registro) e a irrupção do novo (espontaneidade, criação). A origem do Museu é, portanto puramente intangível: sopro, espontaneidade, multiplicidade, comunicação (SCHEINER, 2005, p.90-91).

Também nos reportamos às teorias do Museu Interior (SCHEINER, 2005), que considera o museu que existe dentro de cada pessoa, e que cada um tem seu museu interior instalado dentro de si. Que se constitui das memórias e percepções do indivíduo. Trazemos aqui esta noção, pois estaremos, mesmo que de forma indireta, pensando no museu interior do Dr. Alípio Bordalo, pois o MAHSC acaba por ser uma materialização de parte deste museu, num espaço museal, onde o lugar expõe o objeto, investido de novos significativos e funções. Em um artigo mais recente, Scheiner (2012), dá mais um entendimento deste museu, sendo ele um:

Fenômeno, identificável por meio de relação muito especial entre o espaço, o tempo e a memória, relação esta a que denominaremos *õmusealidade*. A musealidade é um valor atribuído a certas *dobras* do Real, a partir da percepção dos diferentes grupos humanos sobre a relação que estabelecem com o espaço, o tempo e a memória, em sintonia com os sistemas de pensamento e os valores de suas próprias culturas. E, portanto, a percepção (e o conceito) da musealidade poderá mudar, no tempo e no espaço de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo evolutivo (SCHEINER, 2012, p.18).

Caminhando neste sentido explorando o conceito de *imaginação museal* de Mario Chagas (2003), que fala da criação, organização, não apenas dos objetos significativos, mas na possibilidade de colocar sentimentos, sensações, intuições, para que sejam despertados ou acionados diversos tipos de sentimentos, no qual provavelmente pode diferenciar de pessoa para pessoa. Para ser mais claro, Mario Chagas (2003), em sua proposta busca uma maneira de entender a percepção de como pessoas sem formação específica na área de museologia e patrimônio se relacionam com este universo *museológico* ou *museal*<sup>4</sup> como o autor denomina, e que distintas vezes possibilitam diversas atuações neste espaço. Logo podemos identificar que a base da imaginação museal esta:

Entender como determinados intelectuais brasileiros sem formação específica no campo dos museus, sem um treinamento especial e sistemático no ofício museológico, percebem, pensam e praticam a museologia (CHAGAS, 2003, p.20).

---

<sup>4</sup> Os termos *õmuseológico* e *õmusealö*, são tidos neste trabalho como sinônimos, optando-se pelo uso do termo *museológico*. Contudo sabemos que alguns teóricos da museologia estão propondo distinções entre o campo *museal* e *museológico*. Pois o campo *museológico* que estaria mais restritos ao museus de cunho mais tradicionais.

Assim como o MAHSC é uma instância do *museu interior* do Dr. Alípio Bordalo, ela também é um processo vinculado à *imaginação museal* do mesmo. Logo trazer a metodologia da Memória Social para o âmbito deste trabalho se torna algo extremamente relevante, pois, diferentemente de Chagas (2003), traremos uma percepção da *imaginação museal* mais próxima e mais afetiva, pois trabalharemos com as lembranças de pessoas que trabalharam ou estiveram próximas ao museu, principalmente a do Dr. Alípio Bordalo.

Logo entendemos que a memória se apresenta em um condicionamento humano e seus vestígios podem ser comunicados como as transformações de narrador para narrador. Logo para melhor entendemos a memória, Pomian (2000), diz que ela é capaz de *reconstituir uma situação mais ou menos análoga à já verificada no momento em que o ser ou objeto, agora presente sob a forma de resíduo, possuía ainda toda a sua completude originária* (POMIAN, 2000, p.508).

A partir desse princípio, a memória permite remontar o tempo passado com o presente e até especular o futuro. Porém, como a memória possui flutuações, as imagens, reconstruções, quase sempre são *desonestas*, pois é fato, que o passado não pode ser restabelecido na íntegra, o que a afaste de uma única verdade e da possibilidade de legitimação de um fato, pois um mesmo episódio e evento podem possuir diversos olhares.

A necessidade de preservar *coisas* é um fenômeno que podemos considerar natural do homem, pois a coleção corresponde a uma institucionalização de objetos, que são elevados a categoria de *semióforo*<sup>5</sup>. Logo este conjunto de objetos para outra esfera, deixando de ser utilitários para serem objetos museológicos de contemplação, de pesquisa, fetiche, dentre outras diversas atribuições. Também podemos entender que colecionar é uma forma de contar histórias, possibilitando narrativas e apresentando testemunhos dessa história. Lembrando que toda coleção possui recortes e uma ordenação própria (POMIAN, 2000).

Com base nestes referenciais adotados pautamos a base estrutural de nossa pesquisa, que se utilizará de fontes documentais primárias, que vão de documentos, atas e até os objetos do museu, secundária, como as diversas bibliografias citadas no início deste capítulo, mas também, tomará como fonte de informação as narrativas da memória do Dr. Alípio Bordalo, interpretando-a como uma representação do seu *museu interior* e de sua *imaginação museal*. Assim como secundariamente as memória do Prof. MSc. e Museólogo Euler Arruda e do Prof. Dr. Márcio Couto Henrique. Reconhecemos que o MAHSC possui uma estrutura

---

<sup>5</sup> Semióforos, *õ(...)* objetos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são *dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura. (POMIAN, 1997).

museológica própria, que o consolida como uma instituição museológica, no qual seus processos de constituição devem ser desvelados neste trabalho, principalmente em relação à percepção do seu acervo e de sua exposição.

### **3 HISTÓRICO DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE BELÉM DO PARÁ**

A história primordial da Santa Casa de Misericórdia do Pará (SCMP) está ligada diretamente ao contexto histórico das Santas Casas de Misericórdia na Europa. Destacando que esta instituição chegou ao Brasil com a expansão marítima de Portugal. Sendo o seu principal objetivo a caridade, o cuidado dos menos afortunados e a assistência na hora da morte.

As Confrarias de Misericórdia surgiu no século XII na Europa, com intuito de recolher os corpos dos condenados ou alimentar os prisioneiros encarcerados. Já que o Estado tinha apenas a obrigação de manter a lei e a ordem, mas não se responsabilizava, por exemplo, pela alimentação de seus presos, que ficavam a cargo de seus familiares ou na expectativa da caridade. Os corpos dos condenados a morte ficavam abandonados nas ruas, sem direito a enterro. Atividade muito requisitada no período em que toda a Europa se encontrava assombrada por epidemias nos séculos XIV e XV (BORDALO, 2000 p.19).

A origem da Santa Casa no território europeu foi na Itália, datada no ano de 1240 em Florença, sendo esta considerada a mais antiga instituição de piedade e caridade. Bordalo (2009) destaca que a Confraria de Misericórdia de Florença foi fundada em Roma, antes de Florença, sendo nominada de Confraria *Fraternità della Virgine Maria della Misericordia* ou *Compagnia della Santa Misericordia*.

Esta instituição conseguiu se estabilizar em 1490, com a criação de seus estatutos e constituições, publicados em 1516. Documentos que sofreram reformulações em 1564 e 1618 (CARNEIRO, 1986 *apud* BORDALO, 2000).

A Coroa portuguesa seguindo o exemplo de assistência da Confraria italiana. Assim as Misericórdias, apoiada por D. Manuel, o Venturoso, se espalham por Portugal e suas colônias, como Brasil, África e Ásia. Apesar de ser de origem italiana, as confrarias se tornaram uma marca portuguesa (BORDALO, 2000).

No Brasil, a Confraria chegou através de Brás Cubas, um português, líder do povoado de São Vicente, posterior chamado Vila de Santos em 1543. Onde construiu a Santa Casa de Misericórdia de Santos, tida como ela o mais antigo hospital brasileiro. Sendo concedida, em 1551, por D. João III, as mesmas isenções, graças e privilégios da Misericórdia *mater* de Lisboa (BORDALO, 2000).

Posteriormente encontramos a fundação de outras Santas Casas, da Bahia em 1549; Olinda em 1560; Rio de Janeiro 1567 instalado pelo Padre José de Anchieta; Espírito Santo aproximadamente 1551-1606 em 1560 e da Confraria da Misericórdia de São Paulo dos Campos de Piratininga e em 1582. Essa última, marcada, durante anos, pelo acolhimento, da então famosa Roda dos Expostos<sup>6</sup>. Porém, provavelmente a primeira a ser dotada no Brasil é a da Bahia em 1726. No entanto, no Brasil de uma forma geral, a importância e a marca das Santas Casas se constituíram principalmente na vocação hospitalar (BORDALO 2000, p. 25).

Em Belém do Pará, a fundação da Confraria ou Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Pará, seu fundador é desconhecido e a Irmandade provavelmente surgiu no dia 24 de fevereiro de 1650, conforme Vianna (1992) menciona a existência de muitos poucos documentos referentes a esse período. Obedecendo ao mesmo modelo da Misericórdia de Lisboa: ensinar os ignorantes, consolar os infelizes, orar a Deus pelos vivos e mortos, tratar os doentes carentes, assistir os presos, alimentar os famintos e sepultar os mortos (VIANNA, 1992).

Frei Miguel de Contreiras de origem espanhola, da ordem da Santíssima Trindade, conseguiu na câmara municipal de Lisboa posse de um velho casarão, situado ao lado oriental da Rua da Trindade, entre as ruas do Santo Antônio e dos Mártires. Onde se encontra atualmente o prédio *Paris n° América*, local onde antes era chamado de Largo da Misericórdia. Este se constituía em um hospital mantido por esmola, em um pequeno edifício com uma Igrejinha ao lado, feitos de taipa e pilão (VIANNA, 1992; BORDALO, 2000).

Em 1667, dezessete anos depois de fundada, a Misericórdia do Pará recebeu o diploma D. Affonso VI, declarando seu protetor, concedendo as mesmas graças e privilégios da congênera de Lisboa. Dois anos depois, mesmo com o apoio do monarca português e somando as esmolas recebidas, não conseguia equilibrar os custos de seu hospital. Com intuito de suprir seu quadro orçamentário, em 1737, a Santa Casa de Misericórdia do Pará adquiriu uma plantação de cacau com uns 17 mil pés de cacau (VIANNA, 1992, p. 14-17).

Em 1755 as leis pombalinas concederam a liberdade dos índios. Com essa resolução, a Misericórdia do Pará e outros proprietários de terras, foram afetados já que não possuíam outra forma de trabalho não escravo para cuidar de suas plantações. Como consequência, a produção cacau da Confraria acabou sendo abandonada (VIANNA1992).

---

<sup>6</sup> A roda consistia em um cilindro com uma abertura, colocado entre na parede que separava o espaço interno da instituição caritativa, da rua. Nesse dispositivo o adulto colocava a criança a ser entregue, girava e uma pessoa que estava de guarda dentro da instituição recebia a criança. A tecnologia do dispositivo permitia manter o anonimato de quem utilizava (MARCILIO, 2009).

Vários Bispos, desde então, passaram na cidade de Santa Maria do GrãoóPará, como era conhecida a cidade de Belém. O primeiro Bispo foi D. frei Bartholomeu do Pilar, em 1724; o segundo D. frei Guilherme de S. José, em 1747; o terceiro D. frei Miguel de Bulhões, 1749; o quarto D. frei João de são Joseph de Queiroz, em 1760; o quinto D. frei João Evangelista Pereira, em 1772.

Porém o sexto Bispo teve uma grande contribuição na história da cidade e da Santa Casa de Misericórdia do Pará. Chegou em 20 de outubro de 1783 o Bispo D. Frei Caetano Brandão, em substituição ao frei João Evangelista. Nasceu em 11 de setembro de 1740, nascido na freguesia de Loureiro, Portugal, em 1740. Este foi um religioso franciscano da Ordem terceira da Penitência, teólogo formado pela Universidade de Coimbra.

Logo que chegou à cidade, Frei Caetano, percebeu a situação precária na qual a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia passava a falta de organização da arquidiocese, especificamente o serviço estatístico da mortalidade e natalidade nas paróquias que estavam desorganizados, além da miséria do povo.

Em uma das cartas do Frei enviada à corte de Portugal, dá um panorama dessa situação em que a cidade estava passando: *õOlhei para esta Cidade e vi o dilúvio de miséria e pobreza em que fluctuava huma grande parte de seus habitantes* (BORDALO, 2000 p27).

Com o que foi visto por ele, cinco, meses de sua chegada, resolveu fundar um Hospital de Caridade, batendo de porta em porta mendigando esmola em prol da construção do novo hospital destinado para os desfavorecidos. Com seu prestígio e com suas palavras de amor conquistaram adeptos e entusiasmo com que os ricos e pobres aderiram em quantia importante, além, de materiais de construção e com braços escravos, para serviços de obras (VIANNA, 1992).

Apesar das providências e ajuda vinda da metrópole demorou a chegar, frei Caetano reuniu o suficiente para as primeiras despesas, em frente para o largo da Sé, a construção, no terreno comprado, iniciou em 1785. Construiu-se um casarão de três pavimentos e depois criou uma nova Confraria da Caridade o Patrono Senhor Jesus Cristo, o nome do hospital chamou-se de Hospital Senhor Bom Jesus dos Pobres Enfermos.

O hospital foi inaugurado em 25 de julho de 1787 e foi o primeiro e único hospital em Belém, feito em alvenaria de três pavimentos, dividido em sala do consultório dos Irmãos da Confraria da Caridade, antiga farmácia, enfermarias amplas e arejadas, cozinha, aposentos dos escravos e posteriormente um cais de cantaria com escada para o rio (VIANNA, 1992).

Sua caridade e obras feitas no Pará atravessaram o Atlântico e em Portugal foi nomeado o Arcebispo de Braga, que partiu para Portugal em nove de agosto de 1789, morreu 15 de dezembro de 1806 com a idade de 65 anos.

Em 1807, após sérios desentendimentos políticos e religiosos, a Irmandade da Santa Casa de Misericórdia toma posse de todos os bens da Confraria da Caridade criada pelo D. Frei Caetano Brandão.

A Santa Casa teve o importante combate as epidemias que assolaram Belém: a febre amarela, tuberculose, hanseníase a cólera e a varíola. A carência de pessoas para o desenvolvimento do trabalho no hospital estava bastante crítico. Recolhiam os pobres infectados a uma enfermaria especialmente para eles, dentro do Hospital Senhor Bom Jesus dos Pobres. Vale destacar que o Cemitério da Soledade era destinado ao enterro dos cometidos da febre amarela e o Cemitério da Santa Isabel para vitimados da epidemia de varíola (VIANNA, 1992).

O grande índice de leprosos em Belém, no século XIX, favoreceu a tomada de medida em conter a proliferação destas doenças, foi estabelecida a obrigatoriedade de reclusão de pessoas com esses estigmas no Asilo dos Lázaros, na fazenda Tucunduba (Figura 1). Este Asilo se constituía em uma antiga olaria, administrado pela Santa Casa, adaptada com paredes de separações internas que delimitavam as enfermarias, um espaço sem higiene, segurança e conforto, um estabelecimento destinado exclusivamente à reclusão.



**Figura 1** Asilo Tucunduba. Fonte: (HENRIQUE, 2012).

O terreno não tinha muros, o que facilitava a saída de enfermos tanto durante o dia quanto a noite, que iam para a cidade pedir esmolas. Além de servir de refúgio de escravos fujões, em que a maioria dos internos era a maioria negra, e iam se refugiar em um lugar propício para a contaminação (VIANNA, 1992).

O convívio com homens e mulheres resultava em uma infalível reprodução de moléstia por hereditariedade. Os recursos para manter esses pacientes vieram de esmolas e das loterias. Contudo a Misericórdia não obteve sucesso com o rendimento das loterias e ainda estabelecia um serviço no qual não se encontrava aparelhada e nem preparada para esse tipo de serviço (VIANNA, 1992).

Márcio Couto Henrique (2012) cita, acontecimento relacionado a fatos que aconteceu no Asilo de Tucunduba, de uma escrava grávida que contaminada pela lepra, seu dono a libertou e abandonou logo após dos sinais da doença, ato muito comum na época dos senhores donos de escravos. Para combater o total abandono dos escravos leprosos o provedor Manoel José Rodrigues enviou um ofício a Junta do Governo Civil do Pará, onde conta a responsabilidade do proprietário de escravo de dar-lhe alimento, cuidado das enfermidades que ele contrair e não abandoná-los.

A escrava grávida teve seu filho nesse infortuno lugar, porém aos vinte dias de nascido a criança foi retirada de seus braços pelo Provedor e Dr. Silva Castro, mandado para Santa Casa sendo seu tutor e aos cuidados de uma ama de leite. O médico teve essa atitude de talvez livrar a criança dos males dos seus pais e do estigma da lepra ou proporcionar uma esperança para o recém-nascido.

Outro exemplo de Henrique (2012) apresenta é o caso de uma escrava do Senhor Antonio Theodorico da Silva, em fuga há dois anos e o local escolhido para o seu refúgio, foi onde dificilmente seria procurada. Contando com a rede de solidariedade formada pela maioria dos escravos e na qual seria mais uma na relação dos números de escravos que ali estavam ficando ali por muito tempo. Esse caso teve bastante repercussão a ponto de solicitarem a construção do muro. O presidente da Província, José da Gama Abreu solicitava em seu pedido a necessidade do muro:

O Senhor provedor indica a necessidade de ser murado todo o hospital, com o fim de evitar a saída noturna dos doentes, que vêm durante a noite à capital com a desculpa de esmolar, e não só para isto, como para evitar o fato que já se deu de ali se acoitar uma escrava fugitiva (Pará, 1880, apud HENRIQUE, 2012, p. 160-161).

A construção do muro era uma forma de conter as saídas constantes dos leprosos e além de comercialização em que ali havia. Como frutas que eram colhidas e vendidas para as negras vendedoras de frutas, que iam até esse local comprar para revender (HENRIQUE, 2012).

Contudo além dos leprosos, a Santa Casa passou também a cuidar de pessoas com transtorno mental, esse novo fato veio através de um acontecimento ocorrido dentro do

estabelecimento. Os policiais levaram para o hospital de Caridade, Hospital Bom Jesus dos Pobres, um paciente em que dada essa situação nova e sem manejo com esse tipo de paciente louco furioso, o senhor com o nome de José Raymundo, detido por policiais e levado a esse hospital, e sem local apropriado em colocar esse tipo de paciente, ficando ele trancado em uma sala, onde funcionava a botica quebrando tudo que havia na sala, conseguindo fugir indo em direção à cozinha e lá houve mais desatino. O enfermeiro da época Carlos Reis teve a ideia de preparar em Tucunduba alojamento especial para esse tipo de paciente. Ficando assim José Raymundo transferido e ficando nesse local até o fim de seus dias (VIANNA, 1982).

No final do século XIX os alienados do Asilo de Tucunduba muda de endereço indo para um local bem mais distante das zonas urbanas, seu novo endereço: o Marco da Léguas, mudando de nome para o Hospício dos Alienados, anos depois alterando de nome para Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, em homenagem ao grande médico psiquiátrico brasileiro. A Santa Casa de Misericórdia, não só administrou o Asilo, mas também, administrou o Asilo D. Macedo Costa<sup>7</sup> para idosos, localizado no Almirante Barroso, administrou o antigo Hospital de isolamento Domingos Freire<sup>8</sup>, (hoje Hospital João Barros Barreto), Hospital São Sebastião, a Empresa Funerária<sup>9</sup>, Cemitério e o Hospital do Regimento Militar do Estado (VIANNA, 1992).

Por um largo tempo o trabalho interno da Santa Casa foi relacionado à mão de obra escrava, soma de pessoas que ajudavam o andamento do trabalho hospitalar, que era bastante significativa, mas também defeituosa e irregular. Isso causou a tomada de providências. O Provedor José Joaquim Corrêa de Freitas e a Superiora Geral das Filhas de Santø Ana, Rosa Gattorno, em 20 de novembro de 1883, assinou um contrato que possibilitou o trabalho e a assistência diária aos enfermos do Hospital Bom Jesus dos Pobres, da Irmandade da Misericórdia do Pará, vindo para Belém seis religiosas da Itália, com direito a moradia, alimentação e ajuda de custo.

O Museu da Santa Casa guarda ainda hoje um documento, manuscrito, do original do segundo contrato. O primeiro é do ano 1883 onde se lê: *õContracto das religiosas para serviço dos hospitais e asylos da Santa Casa, 1902ö* e o segundo é de 1905 (BORDALO, 2000).

---

<sup>7</sup> Desativado, no lugar ficou a Escola de Governo do Estado do Pará.

<sup>8</sup> O Hospital Domingos Freire, depois de controlada a doença, o hospital abrigou e assistiu os doentes de tuberculose, presume-se até o final da década de 40, quando foi demolido, restando apenas as duas colunas que sustentam o portão de ferro trabalhado.

<sup>9</sup> Passando tempos depois para o serviço da prefeitura.

O único hospital na cidade não comportava mais as necessidades de assistência hospitalar, para a sua população que crescia. Logo após a Proclamação da República a provedoria encaminhou ao Estado o projeto de reforma que foi assinado no dia 20 de novembro de 1890, o Decreto nº 291, pelo Governador do Estado Justo Leite Chermont, aprovando o novo estatuto. A Santa Casa de Misericórdia do Pará deixou de ser Irmandade para ser Associação Civil de Caridade, retomando a administração de seus bens e hospitais, sendo essa a intervenção do estado a Santa Casa.

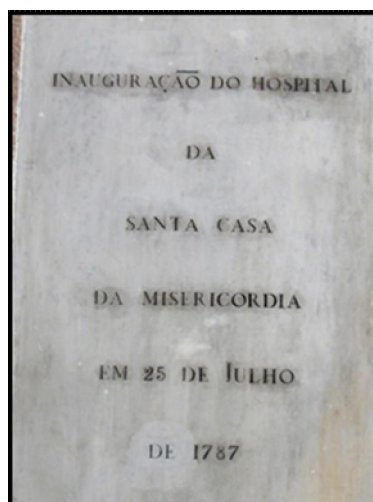
Vale destacar que em 15 de agosto de 1900, foi inaugurado o monumento em memória do Bispo Frei Caetano, presente num dos mais belos monumentos eclesiástico do Brasil. Projetado por De Angelis e Capranesi e feito por Enrico Quatrini, Roma, aproximadamente em 1899-1900, estando no Largo da Sé, hoje Praça Frei Caetano Brandão (Figura 2), horas depois, o novo hospital foi inaugurado, presidido pelo Governador José Paes de Carvalho no bairro do Umarizal, entre as ruas Oliveira Belo, Dois de dezembro (atual Generalíssimo Deodoro) 14 de março e Bernaldo Couto, pelo Engenheiro Odorico Nina Ribeiro (VIANNA, 1992).



**Figura 2** Monumento em homenagem a Frei Caetano. Fotografia: da autora.

Segundo os autores Vianna (1992) e Bordalo (2000), confundem-se, porém, sobre a placa (Figura 3) erroneamente na inscrição ao pé da estátua, localizada no largo da Sé, citando ele o fundador do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Pará, em que deveria ser o Hospital de Caridade, mas através desse levantamento esse grande vulto histórico foi

responsável pela criação do primeiro Hospital de Caridade Senhor Bom Jesus dos Pobres e anos depois, passou a pertencer a Santa Casa. Sendo o monumento representado como marco da localização do primeiro hospital de Belém. Hoje em tempos atuais, podemos observar em uma das placas pichadas, dificultando a informação de quem visita o espaço, mesmo os turistas em conhecer o espaço e para quem pesquisa a história paraense (Figura 4), recorreremos em fotos antes da interferência para visualização do leitor.



**Figura 3** Placa da estátua do Frei Caetano.  
Fonte: Retirado de <http://www.monumentosdebelem.ufpa.br/>.

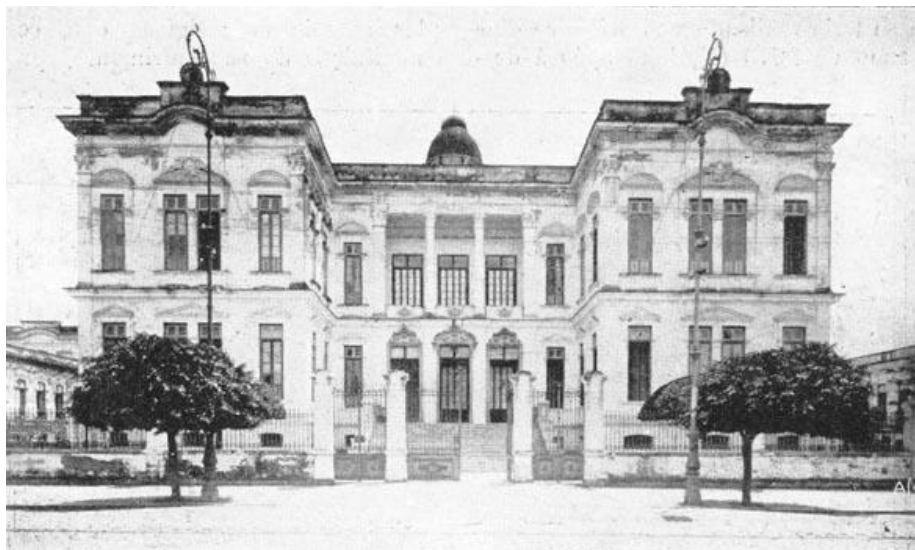


**Figura 4** Placa com interferência  
Fotografia: da autora.

Um moderno, amplo e equipado Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia do Pará (Figura 5, 6), foi inaugurado. Além de várias autoridades, dentre Bispos, Conselho Administrativo, a elites de várias esferas de classe social e mordomos<sup>10</sup>. O orador oficial do

<sup>10</sup> Mordomos eram chamados os membros que formavam a mesa administrativa, autoridade máxima de setor de serviço médicos, administrativos, da capela, tesouraria e outros. Como hoje chamamos de chefe de setor.

evento foi o Dr. Germiniano de Lyra Castro. E para Provedor, o Senador Antônio José de Lemos, substituindo o Pedro Leite Chermont (BORDALO, 2000).



**Figura 5-** Frente do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia do Pará em 1902.  
Fonte: [http://www.cremepa.org.br/crmpa/museu\\_medicina/galerias/fotos\\_antigas/index.pp](http://www.cremepa.org.br/crmpa/museu_medicina/galerias/fotos_antigas/index.pp).



**Figura 6:** Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia do Pará em 1902.  
Fonte: <http://www.santacasa.pa.gov.br/>

Depois da mudança do Hospital da Caridade, para o novo prédio, o antigo ficou em comum acordo com o Governo do Estado. Sendo instalado o Hospital do Regimento Militar, que antes funcionava em uma casa de propriedade particular. Ficando a Misericórdia com a administração e os serviços prestados e as despesas de responsabilidade do Governo (VIANNA, 1992).

A Santa Casa com seu novo prédio foi ampliando vários pavilhões ao decorrer do tempo e nele surgiu a primeira proposta de museu em suas instalações. Pois Aristóteles Guilliod de Miranda em seu artigo *ãA medicina no Estado do Pará, Brasil: dos priórdios à Faculdade de Medicinaõ* fala:

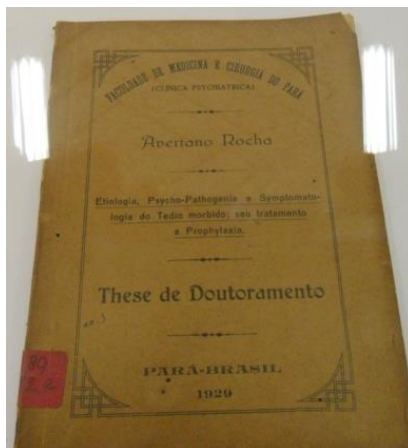
No início dos anos 1900, procederam-se a reformas e ampliações no hospital da Santa Casa: em 1905 foram criados o Museu Anatomopatológico e o Laboratório de Bacteriologia Clínica. Além disso, foram acrescentados ao corpo clínico daquele hospital mais 11 médicos; em 1907 foi inaugurada mais uma enfermaria com 40 leitos (MIRANDA, 2010, s/p).

Esta ideia foi aparentemente um embrião de se manter objetos científicos para exposição. Apesar, que questão deste Museu ainda ser pouco conhecida, deveremos discutir esta proposta em outro momento, requerendo pesquisas mais detalhadas.

Um importante acontecimento na história da Santa Casa Misericórdia do Pará foi a inauguração da maternidade em 1914 e em 1919, com a fundação da Faculdade de Medicina, convertendo em um hospital-escola do Estado do Pará, contribuindo não só para formação como também para estudo da ciência de médicos paraense, em que podemos contemplar a tese de alunos da primeira turma de medicina de 1925 e tese de doutorado de Avertano Rocha de 1929 no MAHSC (Figuras 7e 8).



**Figura7:** Tese um do aluno da primeira turma de medicina, Hippolyto Carelly.  
Fotografia: da autora.



**Figura 8:** Tese de Doutoramento de Avertano Rocha.  
Fotografia: da autora.

Tantos anos se passaram e a Santa Casa teve vários momentos com problemas orçamentários. Podemos perceber em seus Livros de atas, juramentos de irmãos e inventários, a exemplo podemos citar os relatórios da década de 1920 a 1930,

Mais uma vez Bordalo (2000) destaca em seu livro o Relatório do ano 1927 que fala da reunião entre o Conselho Administrativo à Assembleia Geral, que relata as atividades e ocorrências, os anexos e além de ilustração fotográfica, que diz:

Dignissimos consócios, - Temos a honra de apresentar-vos, no presente relatório, o que de mais importante ocorreu na vida social, economica e financeira de nossa santa casa de Misericórdia, no anno de 1927, em cuja direcção a vossa benévola confiança nos investiu mais um biennio (BORDALO, 2000).

Nesse discurso foi apresentado as atividades e ocorrências do Hospital de Caridade, do Asilo dos Lázaros, funerária, Serviços de Loteria, prédios e terrenos, donativos tudo relacionado às finanças e despesas. Dos anexos mostra o parecer da Comissão Fiscal, além, dos mapas de receita e despesas do ano, os legados em dinheiro; o corpo médico-cirúrgico; dos enfermos do hospital, a maternidade a relação dos sócios que naquele ano abrangia em torno de 540 sócios até dezembro de 1927. Em 1930 com acréscimo da população em torno do leprosário o Asilo do Tucunduba é desativado.

Na década de 1950 a Santa Casa e Faculdade de Medicina atendiam as especialidades além da clínica médica, pediatria, dermatologia e ginecologia, além desses a psiquiatria, cuja, as aulas teórico-práticas eram administradas no Hospital Juliano Moreira. Conta Bordalo (2000), sendo aluno de medicina, que neste período o relacionamento de professor e aluno obedecia a uma disciplina rígida. Entre tantos também destaca a docente e sua mestra Betina Ferro de Souza, que tanto contribuiu na medicina paraense e a Santa Casa

de Misericórdia do Pará (BORDALO, 2000). Destacamos que o diploma (Figura 9) de medicina da tal professora faz parte do acervo do MAHSC.



**Figura 9** Diploma de médico da Bettina Ferro de Souza.  
Fotografia: da autora.

Um ano depois, parte do Pavilhão do Salão Nobre não resistiu à erosão e a intempéries, ruiu, sendo demolida, já que a Provedoria da época não procurou preservar o que restava, preferiu a demolição, apagando assim parte da história da instituição, onde comportava um dos salões representativo da Santa Casa (BOLETIM, 1989a).

De Irmandade, depois Associação Civil de Caridade, em janeiro 1990 outra intervenção ocorre, a Lei Complementar 003/90 de 26 de abril de 1990, o Governo autoriza o Poder Executivo a constituir a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, nos termos do art. 23, da Constituição do Estado. Pelo então Governador Hélio da Mota Gueiros, e foi nomeado Presidente da Santa Casa, Clodoaldo Ribeiro Beckman. Em 1998 a Fundação da Santa Casa de Misericórdia do Pará reconhecida pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Ministério da Saúde, como o Hospital Amigo da Criança, em 1999 recebeu o prêmio Galba de Araújo, considerada modelo em atendimento humanizado à gestante e ao recém-nascido, pelo Ministério da Saúde (HENRIQUE, BOLETIM, Série II 2008a).

Um dado importante informado no Boletim (2008) chama a atenção do noticiário sobre outra possibilidade de mudança do nome da Fundação:

Com tantos bons serviços que a FSCMP tem prestado à população Amazônica, ao longo dos seus 358 anos, causa espanto a nota publicada, no informativo "Expressão" (Mai/JUN/JUL, 2008) da Confederação das Santas Casas de

Misericórdia, Hospitais, Entidades Filantrópicas (CMB) assinada por seu presidente, Sr. Antônio Brito, sugerindo que o nome da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, seja substituído por o Hospital Público do Governo do Pará. O argumento da CBM é o seguinte: evitar que o histórico das instituições, que há mais de 450 anos colaboram com a saúde dos brasileiros, seja subvertidos (HENRIQUE, BOLETIM, 2008<sup>a</sup>).

Fato esse ficou apenas por cogitação, a modificação de Associação Civil de Caridade para fundação ocorreu como forma de permanecer os serviços prestados à população carente aos homens e mulheres da Amazônia, em que atende pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), da mesma forma das outras Santas Casas no Brasil (HENRIQUE, BOLETIM, 2008<sup>a</sup>).

Cabe destacar que no final do século XX houve diversas mudanças na Santa Casa, entre tantas destacamos a mais significativa para essa pesquisa, ocorreu o surgimento do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa MAHSC que será mais detalhado no próximo capítulo.

## 4 O HISTÓRICO DO MUSEU/ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DR. ALÍPIO BORDALO

O idealismo e criatividade foram determinantes para a criação do Museu/Arquivo<sup>11</sup> Histórico da Santa Casa (MAHSC), como conta o seu idealizador e fundador o médico Dr. Alípio Augusto Barbosa Bordalo, em entrevista realizada no dia 23 de maio de 2013. Como descrito na entrada do museu em uma placa com identificação com o nome do fundador, mas, enfatizamos que a sigla usada para o museu é MAHSC, o segundo nome foi dado em sua homenagem, mas o mesmo prefere usar as siglas já citadas, sem o seu nome.

O surgimento do Museu, segundo as narrativas de Bordalo, aconteceu em uma reunião na manhã de sábado de dezembro de 1986, onde se reuniram na Sala da Provedoria: Euler dos Santos Arruda<sup>12</sup>, Arquiteto, Professor e Museólogo; Angelina Serra Freire Lobo, médica Pneumologista; Alípio Augusto Bordalo, médico Ginecologista e Obstetra; e Aramis Mendonça de Moraes, médico Ginecologista. Dessa reunião chegaram à conclusão que seria útil e necessário resgatar a memória da Santa Casa de Misericórdia do Pará.

A partir de alguns dias após esse encontro, foi iniciada a coleta de objetos, que durou quase seis meses de persistência, frustrações e descobertas. Período em que Bordalo em sua entrevista realizada em junho de 2013, fala que quase a metade dos objetos e documentos se achava abandonadas. Era possível encontrar em vários lugares da instituição e inclusive em porões da Santa Casa, e frisou em seu relato da contribuição de duas antigas servidoras da instituição, Yolanda Moreira, já falecida e uma antiga funcionária, Maria da Conceição Meneses, que ajudaram bastante na coleta da documentação. Desse resultado foi conseguido reunir sete coleções.

A expografia contou com ajuda e orientação de Euler Arruda, que era diretor do Museu Histórico do Estado do Pará (MHEP), de onde foram emprestadas seis vitrines para o MAHSC. Outra dificuldade foi encontrar um local apropriado e adequado para o armazenamento do acervo a abertura do Museu. O local escolhido foi à sala do Pavilhão de Administração, onde funcionava o antigo Pavilhão das Irmãs Filhas de SantøAna.

---

<sup>11</sup> Conceito de arquivo: conjunto de orgânico de documentos, independentemente de sua data, forma e suporte material, produzidos ou recebidos por uma pessoa jurídica, singular ou coletivas ou por um organismo ou privado, no exercício da sua atividade e conservamos a título de prova ou informação (Dicionário Terminologia Lisboa: IBL, 1993). O valor do arquivo histórico é fundamental, no sentido de resguardar a memória das instituições e do país.

<sup>12</sup> Recebeu no dia 18 de dezembro de 2010 da presidente do Conselho Federal de Museologia (COFEM ) Medalha Mérito Museológico. A cerimônia aconteceu no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro.

Impreterivelmente no dia 22 de junho de 1987, dia marcante para a Instituição e para a história da Santa Casa de Misericórdia do Pará, o Museu foi aberto ao público com a 1ª Exposição do Museu da Santa Casa. Em 19 de outubro do mesmo ano ocorreu a abertura da exposição permanente do Museu. Vale dizer que o objetivo do Museu é coletar, preservar, restaurar, pesquisar, expor e divulgar a memória do patrimônio científico histórico-cultural da Santa Casa de Misericórdia do Pará e as atividades médica e filantrópica desta instituição (BORDALO, BOLETIM, 1988a).

Dos séculos de existência da Instituição, muitos objetos que contam a história da instituição se acabaram naturalmente, se perderam, ou foram furtados ou abandonados ao acaso, que constituiu em contar a história da Santa Casa reunindo alguns objetos e relíquias do século XIX, e da medicina paraense com estudos importante do início do século XX (BORDALO, 2000).

A princípio o Museu tinha o nome de Museu da Santa Casa, porém, algum tempo, com acrescido de documentos vindo dos arquivos da Santa Casa, mudou o seu nome para Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa.

Nos anos seguintes acontece a criação do Boletim Informativo que com informações das atividades, ocorrências do Museu, além de relatos da história Fundação da Santa Casa de Misericórdia do Pará e no final destaque de um semióforo do acervo com sua ficha técnica, e o quantitativo de visitante. O planejamento do boletim segundo Bordalo era, ôfazê-lo em trimestral, com intuito de informar, contribuir, para pesquisa museológica e histórica da instituição (BORDALO, BOLETIM, 1988b).

A circulação deles foi dentro da instituição em forma de informação, tanto para os que usufruíam dos serviços da Santa Casa de Misericórdia do Pará e também para os funcionários a fim de conhecer sobre a história do hospital. Além de mandar exemplares para outros museus da cidade de Belém e de outros estados, com intuito de intercâmbio de experiências museológicas.

Nesse mesmo ano a transferência do Serviço de Arquivo Médico e Estatística do Hospital de Caridade da Santa Casa foi para o museu. Nesse ano foi solicitado, com ajuda de Euler Arruda, a solicitação e motivos para a criação do museu para o Sistema Nacional de Museus, em Brasília.

Aos poucos o acervo crescia com doações importantes, alguns em anonimato. Em destaque cito as moedas (Figura 10) que foram usadas no Asilo do Tucunduba, como forma de profilaxia de contenção do contágio, esse requer um aprofundamento de estudo, pois, há

contraversa no tempo que elas foram usadas se no final do século XIX ou em 1927, o Asilo foi fechado em 1930. Mais uma objeto de estudo que merece ser estudada posteriormente.



**Figura 10** Moedas de 100, 200, 500, 1.000 e 5.000 Réis, pertencente ao acervo do MAHSC.  
Fotografia: da autora.

Outro achado nos diversos setores foi encontrado no Arquivo até então desconhecido o livro *In Memoriam* de Frei Caetano Brandão, da secção de obras de ãA Província do Pará, em 1905, editado sob ordens do Senador Antônio Lemos, em comemoração a centenário da morte do frei.

A mensagem da implantação do Museu, para outras Misericórdias foram divulgadas na viagem feita em agosto, por Dr. Alípio, do mesmo ano da inauguração, para a capital de São Paulo; Santos e Rio de Janeiro. Ficando marcada a visitação no livro de Ata da Sessão da Mesa Administrativa da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Em Santos foi recebida a medalha comemorativa da restauração do Hospital da Santa Casa, que foi doada ao MAHSC.

Quanto ao interesse do idealizador do museu, que no mês de outubro de 1987, o museu Dr. Alípio participou nos cursos referente à museologia, de conservação de acervos e treinamento museológico, realizados na Fundação Cultural do Pará (CENTUR), proferido pelo Professor Dr. Aécio Oliveira da Fundação ãJoaquim Nabuco, de Recife. Até então o museu não disponibilizava de regimento interno.

No ano de 1988 em ofício do nº. 47/88, e 71/88 dirigido ao Conselho Estadual de Cultura do Pará, informando o registro em ata a instalação do Museu da Santa Casa, para cadastramento no Ministério da Cultura, MINC. Em setembro o museu recebeu do Sistema

Nacional de Museus, Ministério da Cultura duas parcelas do Projeto-Aquisição de equipamentos museográficos de oito vitrines.

Destacamos o interesse mais uma vez pelo Dr. Alípio, mesmo sem acessória técnica museológica e buscando informações das participações dos cursos assistidos na sua maioria no Museu Goeldi, iniciou a catalogação do acervo em exposição no museu. Em comemoração a primeiro ano do Museu, houve palestra proferida por Euler Arruda, sobre o tema, *Aspectos da importância dos museus na sociedade*.

A Comissão Dirigente da Santa Casa em 1989 comprou a obra, de Arthur Vianna *A Santa Casa de Misericórdia Paraense, 1650 a 1902*, sendo reeditado pelo Dr. Alípio Bordalo.

Com a reforma ocorrida em 1990 o museu foi desativado temporariamente, e no projeto de ampliação de um espaço maior para o museu. Nesse mesmo ano já se falava na necessidade de um museólogo para o espaço como é citado no por Bordalo no Boletim (1990<sup>a</sup>):

Nos museus históricos, como o da Santa Casa, a pesquisa sobre o objeto do acervo, fornece dados da origem, procedência, função, estilo, época, vinculação histórica, etc... Fundamentais à preservação do patrimônio cultural, informação e educação à comunidade. A pesquisa completa exige profissional multidisciplinar ó **Museólogo**, historiador, sociólogo, estudioso de artes, biólogo, arquiteto, restaurador, fotógrafo, desenhista, etc... A pesquisa é base da informação (BORDALO, 1990<sup>a</sup>, p. 03, Grifo do autor).

Nesse período a preocupação do acervo, a pesquisa a exigência do profissional e da mão de obra especializada, não apenas nesse museu como os demais museus paraense.

Mesmo o Museu desativado e sem recursos financeiros para confeccionar os Boletins, apesar das críticas relacionado à impressão dos Boletins e sem ter alguém para ajudar, ainda sim com as informações do Museu e da instituição eram divulgadas.

No Boletim de nº 13 de 1991, nota falando sobre *Os Museus e a Sociedade* em que faz uma análise dos Museus brasileiros e como o povo vê o museu, ainda fala da definição de Museus pelo ICOM de 1974, e a necessidade dos museus se integrarem as suas comunidades, e que conclui *o (...) é o museu valorizando o homem e seu meio ambiente, binômio que caminha indissociável* (BORDALO, BOLETIM, 1991a). Podemos analisar que o museu moderno não pode ser estático e sim se integrarem as suas comunidades.

Nesse mesmo ano o Museu ganha um pequeno espaço no *óporão*, não agradando o local e a situação e mesmo acreditando ser provisório o espaço, as doações continuam chegando e o acervo crescendo. Porém no mesmo ano reabriu a exposição permanente do

Museu em espaço maior e arejado. Nesse mesmo ano, o Museu da Santa Casa, emprestou, por Comodato, para o Memorial Magalhães Barata, cinco objetos e coleção diferente, como forma de divulgação do Museu.

No Boletim desse ano um comentário reflete a importância do museu em *educar e divulgar* e fala da importância das duas para o valor social e da carência das duas nos museus brasileiros e ainda vai mais além, mencionando *que hoje é inconcebível museu apenas para custódia de acervo* (BORDALO, BOLETIM, 1991d).

Em 24 de junho de 1992. Durante a XIV semana do Escritor Paraense, dentro do projeto *Lendo o Pará é reeditada a edição A Santa Casa da Misericórdia Paraense, Notícia Paraense, Notícia Histórica 1650-1902* de Arthur Vianna, feito o prefácio do livro pelo redator desse Boletim.

No Boletim nº 22 de 1993 destaca um fato bastante curioso do Dr. Alípio Bordalo, mesmo com suas atividades médicas, o fôlego de editar os boletins, coloca um dado bastante interessante de seu tempo de serviço, 35 anos de atividade profissional e a vinda da sua aposentadoria faz uma perspectiva futura, para dedicação a pesquisa e as edições dos boletins e outros trabalhos. Nesse mesmo ano houve lançamento da *Revista Paraense de Medicina*, junho e dezembro/92, com artigos médicos da instituição.

Nesse ano foi aberta a II Exposição da Memória Médica Paraense em comemoração a dia do Médico no dia 18 de outubro. Além, disso foi lançado mais um número da Revista Paraense de Medicina. Alguns dias depois no dia 27 de outubro do mesmo ano a inauguração do Espaço Cultural, reúne: Auditório, Biblioteca, Museu, Centro de Estudos, Salão para eventos e duas saletas para reuniões.

Em 1994 surge a esperança da possibilidade da publicação do Catálogo do Museu da Santa Casa nº1, com apoio do Banco do Brasil, ficando o Museu no aguardando resposta. Porém nesse mesmo ano o Museu ganha mais espaço e mais doações de diversas teses e monografias para compor o acervo do Museu. Em outubro o Museu realizou a III Exposição da Memória Médica Paraense.

Este foi o último Boletim, publicado em janeiro de 1995. Hélio Franco Macedo Junior, na época Presidente da FSCMP, convidou Dr. Alípio a assumir a responsabilidade editorial da Revista Paraense de Medicina (RPM). A Editora da revista se uniu ao Museu e formou o Núcleo Cultural da Santa Casa (BORDALO, BOLETIM, 1994b).

Em 1997 é lançado o primeiro Catálogo do Museu da Santa Casa Nº1. Consta nesse catálogo de 13 coleções. Contendo a denominação da coleção, o objeto, a época, origem, procedência e histórico de cada objeto da coleção. As orientações museográficas seguida pelo

Manual de Orientação Museológica e museográfica ó do Departamento de Museus e Arquivos (DEMA) da Secretaria do Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, 1987, doado pelo diretor do Museu do Estado do Pará (MEP), segundo Euler Arruda. Na capa do Catálogo com a icnografia do antigo Salão Nobre, com 500 exemplares de distribuição gratuita.

Em 1998 o reconhecimento e indexação na Administração da Base de Dados LILACS-BIREME, São Paulo, 1998.

Em janeiro de 2000 o Núcleo Cultural ganhou espaço para reuniões do Conselho Editorial. E além do lançamento do livro ãA Misericórdia Paraense, Ontem e Hojeö do autor Dr. Alípio Bordalo, onde reúne e é importante fonte de pesquisa da história da Instituição e do MAHSC.

Hoje o MAHSC faz parte do Sistema Integrado dos Museus desde 2006. Em 2007 em comemoração, dos vinte anos da fundação do Museu é lançado o segundo Catálogo agora denominando em sua capa Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa Nº2, com 15 coleções com suas descrições museológicas. Com distribuição gratuita do catálogo, acrescido de mais duas coleções da hemeroteca, que são recortes de jornal e a coleção de relógios antigos. Porém diferente a forma de catalogação da primeira em que se destaca entre uma a outra da ficha técnica com as informações do objeto junto com a icnografia.

Em 2008 o Museu ganha uma grande contribuição à contratação através do primeiro Concurso Público o historiador Márcio Couto Henrique é Doutor em Antropologia. Sua grande contribuição para o museu, pelo pouco tempo que ficou foi bastante gratificante para o MAHSC. Reativou a publicação do Boletim Informativo Série II ó ano I Nº 1 junho e Nº 2 dezembro de 2008 (Figura 11), e segue as mesmas características dos anteriores. Ficou bastante rico de informação e visualidade dos anteriores. Estando disponível em seu Blog para consulta.



**Figura 11** Boletim Informativo Série II ó ano I Nº 2 dezembro de 2008

Fonte: <http://marciocoutohenrique.blogspot.com.br/2010/02/boletim-do-museu-da-santa-casa-ii.html>.

Márcio C. Henrique publicou vários artigos relacionados ao Museu: òAprendendo com pacientes/visitantes do Museu da Santa casa do Paráö, publicado em julho de 2008 na Revista Museus e òUm Museu Invisívelö, em março de 2009 na mesma revista, essa ultima denuncia a falta de conscientização e descaso com o patrimônio da instituição de alguns funcionários da instituição. Organizou o acervo dando visibilidade a documentos antigos, do órgão que estava abandonado na capela se deteriorando, depois transferido para o Museu. Além, disso tentou captar recursos para restaurar a antiga capela, segundo Márcio C. Henrique faz parte do Museu, corre o risco de desabar a qualquer momento. Em 2009 passou para outro Concurso Público para Prof. da UFPA e solicitando sua exoneração. Uma perda muito grande para o MAHSC e que ainda o cargo ainda se encontra vago, sofrendo assim o acervo e o andamento do serviço Museu.

O terceiro Catálogo foi produzido em 2012, porém seu lançamento foi no dia 23 de abril de 2013, apesar de o catálogo informar a constituição de inicio de sete coleções, passando a atingir a margem da quantidade de quinze coleções existente no museu, apenas treze foram colocadas nesse catálogo que são: farmácia antiga; instrumental médico-hospitalar; sacra; esculturas; louças e utensílios; coleção documental; memória médica paraense; livros antigos de medicina e farmácia; fotografias; hemeroteca; cartões postais;

mobiliários artísticos; relógios; lápides; azulejos e mosaicos. Seguindo algumas alterações, diferentes dos primeiros outros catálogos.

Porém nas visitas técnicas pude constatar que nesses catálogos não estão registrados todas as coleções existentes no MAHSC, pois o museu ainda requer uma classificação e ordenação dos objetos a serem catalogados, segundo as informações coletadas com o diretor do museu Dr. Alípio Bordalo ainda necessita de pessoas habilitadas para esse serviço, o único registro do acervo são os catálogos, não existindo então o fundamental da organização, o livro de registro, para saber a quantidade real dos objetos existente no acervo do MAHSC. Sendo assim nem todos tem sua numeração de catalogação e a reserva técnica corresponde algumas gavetas acondicionadas de forma inapropriada.

A quantidade de pessoas que no momento não supera as expectativa ideais para o andamento do trabalho, dispondo atualmente de três pessoas para suprir o movimento do serviço. No momento o museu conta com o serviço de uma única agente administrativo, que fica no museu, da secretária do Dr. Alípio, que fica no Núcleo Cultura para serviços burocrático, tanto do museu quanto do periódico da Revista Paraense de Medicina, essa afiliada a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC), de publicação trimestral e de distribuição gratuita, onde constam publicações de artigos científicos. E finalmente Dr. Alípio Bordalo, com seus oitenta e um anos de idade, continua em atividade em dirigir o museu, é editor responsável pela revista e além de produzir artigos relacionados ao museu. E durante todo seu percurso profissional nessa Instituição é um grande Amigo desse Museu e graças a ele o MAHSC ainda existe. Porém precisamos mobilizar a sociedade para que não aconteça com o Salão Nobre e provavelmente com a antiga Capela e entre outros que são apagados da memória paraense.

#### 4.1 MEMÓRIAS DO DR. ALÍPIO BORDALO, MSr. EULER ARRUDA E DR. MÁRCIO COUTO HENRIQUE.

Em entrevista realizada com o idealizador do Museu Dr. Alípio Augusto Barbosa Bordalo, médico Ginecologista e Obstetra. Nasceu em Santarém no dia 21 de junho de 1932, sua formação Médico pela Universidade Federal do Pará (UFPA); está na Santa Casa de Misericórdia do Pará desde o quarto ano de medicina do ano de 1955, é presidente da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (SOBRAMES) no Pará; presidente do Núcleo

Cultural, responsável pela publicação Revista Paraense de Medicina<sup>13</sup>, fundador e idealizador do Museu. Além das várias publicações relacionadas ao Museu e premiações.

Em destaque das inúmeras premiações cito uma bastante significativa em que participou do vigésimo terceiro Congresso Sociedade Brasileiro Médico Escritor e Terceira Jornada de Guimarães Rosa, realizada em Ouro Preto no Hotel Estalagem das Minas gerais, no período de 03 a 06 de junho de 2010. Na qualidade de autor do texto: *õSanta Casa de Misericórdia do Pará 360 anosõ*. Premiado em terceiro lugar no concurso IBRAMES da História da Medicina.

Pensando como forma de pesquisa, a História Oral segundo Pollak (1992) possui um posicionamento crítico para as fontes orais sendo validadas como documento histórico. Em entrevista realizada no dia 23 de maio de 2013, com Dr. Alípio Bordalo, pode-se dizer que ele é uma fonte viva de informações sobre alguns fatos da instituição a maior parte de suas memórias estão relacionadas às do MAHSC e através dessas memórias, o desenrolar da entrevista se deu em alguns momento de nostalgia, tristeza e alegrias.

Pois um dos maiores conflitos encontrados na fonte orais seria a falta de cronologia dos relatos. Sendo os vestígios datados da memória relativos, variando de acordo com as experiências de cada pessoa. O exemplo disso, podemos citar o relato do Dr. Alípio Bordalo sobre o tempo decorrido da fundação do MAHSC aos dias atuais (POLLAK, 1992).

Em sua sala no Núcleo Cultural comecei perguntando sobre como foi que aconteceu a formação do museu, como surgiu esse museu, com suas palavras. Ele respondeu que surgiu há 25 anos. A princípio da forma que foi respondido, aparentemente, ele se deu conta de quanto tempo se tinha se passado e que o museu é fruto de fatores de duas coisas importante: *õidealismo, ideias e força de vontade, querer fazer a coisa que se faz quando tem força mental e boa vontadeõ*, suas palavras na integra as em destaque está relacionada o tom de voz na ênfase de suas palavras.

Foi quando, trabalhava na Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, caminhando pelo hospital viu os bustos de mármore dos antigos provedores no corredor da Santa Casa e em outra sala na Enfermaria S. Roque fotografias dos antigos provedores. Conta-nos em que teve um dia uma noite, em um dos corredores, um dos bustos de mármore

---

<sup>13</sup> No início dos anos 90 a Santa Casa de Misericórdia do Pará assumiu a direção e a elaboração da revista. Além, que a revista é filiada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) de circulação no Brasil e Portugal. Publicação interdisciplinar da área de saúde. Distribuição gratuita. Os editores, responsável e adjunto, são os Drs. Alípio Augusto Bordalo e Nara Botelho. Periódico trimestral desde 1998.

de Silva Castro, do século XVII, caiu danificando-a e que nos dias atuais podemos perceber esse dano no objeto. Isso foi se somando e chegou-se a conclusão que seria útil e necessário a organização do Museu/Arquivo Histórico Santa Casa e que hoje é uma realidade em juntar todos os objetos espalhados na Santa Casa em um só local.

Perguntado onde foi à primeira sala do museu e ele responde que foi no antigo pavilhão das Irmãs da Caridade da Santa Casa que hoje não existe mais, nesse local atualmente é a enfermaria da pediatria, sua localização próxima a Capela e que esse pavilhão foi toda modificada.

E hoje ocupa o espaço da Farmácia antiga, é duas salas grandes, uma saleta no meio onde funciona a secretaria do museu, outra funciona a Galeria e a outra sala no qual é chamada de Encontro dos Amigos no Salão Nobre, nesse momento a entonação da fala é bem marcante quando ele se refere nessa sala com uma gargalhada no final, de satisfação e orgulho, podemos talvez assim interpretar. Vianna (1992) também descreve a beleza desse espaço no qual chamou de Palácio da Caridade:

Possue o novo palácio da caridade quatro grandes enfermarias e três menores, inteiramente isoladas, e vários compartimentos, para pensionistas; nos corpos centrais, e vários compartimentos para pensionistas, nos corpos centrais estão localizados o salão nobre do Conselho, obra prima de elegância e decoração; a secretaria, o arquivo, a farmácia e o laboratório. Os diversos compartimentos são todos altos, amplamente iluminados e ventilados (BORDALO, 2000, p.59)

A descrição que Vianna faz do antigo prédio o destaque com que ele faz no salão Nobre é comprovado em ver nas fotografias a exuberante beleza desse salão em que ele descreve como *obra prima de elegância e decoração*. Da mesma forma em entrevista feita pelo idealizador e fundador do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa, Dr. Alípio Bordalo fala com um grande pesar pela perda desse salão de exuberância beleza a qual foi demolida e a perda desse patrimônio.

O salão ocupava o corpo central do pavilhão maior do prédio, havia uma abóbada com vidros translúcidos que iluminava seu interior; aos lados e atrás o mezanino, tipo de sacada interna, com gradil de ferro todo trabalhado semelhante ao do *foyer* do Teatro da Paz. Portas e janelas decoradas e assoalho de acapu e pau amarelo, com desenhos geométricos. A bancada em madeira de lei toda trabalhada, poltronas com espaldar com entalhes de figuras antropomórfica feminina, lembrando a misericórdia; além, de bustos de médicos e provedores da Irmandade da Santa Casa Misericórdia do Pará do século XIX esculpidos em mármore feito na Itália, colunas de madeira com as iniciais S.C.M (Santa Casa de Misericórdia), na

entrada encontrava-se a chapeleira com vidro de cristal bisotado. A má conservação do referido pavilhão levou o comprometimento do alicerce da estrutura do prédio. Após longa discussão de sua restauração ou demolição, venceu a sua demolição ocorrida na década de 1950. O salão Nobre durou 50 anos de cerimônias, reuniões e muitos outros fatos históricos (BORDALLO, 2000, p.59).

Ele frisa as pessoas que ajudaram no acervo documental, uma funcionária da Santa Casa já falecida Yolanda, ela era responsável pelo arquivo do hospital e a outra senhora Oneide, ainda viva. Perguntamos se eram elas seus braços direito nesse processo, e ele afirma que: *õ... o braço direito era eu mais eu, meu braço direito era eu mais eu, essa é que é a verdade...ö* repete ele com veemência, ele nos fala que a maioria não sabiam o que era um museu arquivo histórico, não conheciam. Pensavam que ele iria montar um museu zoológico, botânica, isso e outra coisa, nos fala.

No entanto nessa conversa podemos perceber que além de Médico o Dr. Alípio sabe muito bem as tipologias de Museu, Museu de Artes e outros tipos. *õmuseu e ele é amplo, o sentido da palavra é amploö* (suas palavras). E nos fala que o Museu tem documentos de mais de cem anos, contém um livro de registro de pacientes internados, de pacientes com alta ou falecidos no hospital de 1892 se não se engana. Em verdade se trata do livro de registro de entrada e saída do Hospital de Caridade Bom Jesus dos Pobres (Figura 12), datado de 1895 e além desse outros como o livro de registro de entrada e saída dos enfermos do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia, com a assinatura na abertura do livro do Provedor Antônio Lemos, em 21 de janeiro de 1901. Dado interessante nesse ultimo livro podemos verificar a quantidade de pacientes estrangeiros, as informações conserva de boa visualidade da grafia, explorando o livro, com todo cuidado, podemos observar a quantidade de pesquisas que podem oferecer.

Registro das entradas dos Enfermos do Hospital da					Senhor Bom Jesus da Caridade do Pará, em 18				
FILIAÇÃO	Naturalidade	Côr	Estado	Profissão	N.º	Data da saída	Molestias	Estado	Clas
...	...	...	...	...	1	...	...	...	...
...	...	...	...	...	2	...	...	...	...
...	...	...	...	...	3	...	...	...	...
...	...	...	...	...	4	...	...	...	...
...	...	...	...	...	5	...	...	...	...
...	...	...	...	...	6	...	...	...	...
...	...	...	...	...	7	...	...	...	...
...	...	...	...	...	8	...	...	...	...
...	...	...	...	...	9	...	...	...	...
...	...	...	...	...	10	...	...	...	...
...	...	...	...	...	11	...	...	...	...
...	...	...	...	...	12	...	...	...	...
...	...	...	...	...	13	...	...	...	...
...	...	...	...	...	14	...	...	...	...
...	...	...	...	...	15	...	...	...	...
...	...	...	...	...	16	...	...	...	...
...	...	...	...	...	17	...	...	...	...
...	...	...	...	...	18	...	...	...	...
...	...	...	...	...	19	...	...	...	...
...	...	...	...	...	20	...	...	...	...
...	...	...	...	...	21	...	...	...	...
...	...	...	...	...	22	...	...	...	...
...	...	...	...	...	23	...	...	...	...
...	...	...	...	...	24	...	...	...	...
...	...	...	...	...	25	...	...	...	...

**Figura 12:** Livro de registro de entrada e saída do Hospital de Caridade Bom Jesus dos Pobres.  
Fotografia: da autora.

Vale destacar o seu interesse pelo Museu proporcionou à procura de conhecimento nos cursos realizados no Museu Emílio Goeldi 12 a 13 de junho de 1989, o Atelier de Museologia e Museografia e Os museus através do tempo, ministrado pela museóloga Viviana Bavestrello-Rocha, do Museu de História Natural de Santiago e Membro do ICOM-Chile. Em 1990 outra vez, no Emílio Goeldi, com a mesma museóloga com o tema: Reflexões sobre o papel do museu na sociedade atual (BORDALO, BOLETIM, 1989b, 1990a).

Perguntado desde quando está na Santa Casa, ele é incisivo em falar responde *õ...Minha senhora, eu vivo aqui na Santa Casa desde o quarto ano de Medicina. Vivo! Isso aqui é prolongamento de minha casa, essa Santa Casa de Misericórdia, claro é o prolongamento da minha casa...õ* repete ele e justifica o porquê, devido ele ter duas funções no qual ele mesmo classifica nobre, por ser responsável pelo Museu e é editor da Revista de Medicina e percebo no tempo que fiquei mais tempo dos entrevistado, percebi o amor que Dr. Alípio Bordalo tem sobre tudo que faz para preservar a memória da Santa Casa.(Entrevista concedida dia 27/05/2013).

O senhor Euler Santos Arruda foi outro entrevistado para essa pesquisa. Formado em Arquitetura da UFPA em 1974, fez o curso de Museologia no qual sua orientadora era a museóloga Valdisa Russo, seu objeto de pesquisa era o Palacete Bolonha, porém algum tempo depois sua orientadora veio a falecer, ficando sem orientadora, resolveu então fazer então o mestrado no IPU, Instituto de Planejamento de Urbanismo Regional do Rio de Janeiro. Participou do concurso de arquitetura do CENTUR, foi convidado para projetar o

Templo Central da Assembleia de Deus, a Orla do Maçarico, Condomínio, hospitais e outros. Além disso, foi o primeiro Diretor do Museu do Estado do Pará.

Foi presidente do Conselho Regional de Museologia e várias vezes, foi representante da região no Conselho Federal e que a gora a presidência do conselho é Antônio Carlos Lobo Soares, do Museu Goeldi. E foi homenageado com a Medalha Mérito Museológico, da presidente do Conselho Federal de Museologia (COFEM) de 18 de dezembro de 2010 no Rio de Janeiro. E ajudou a colaboração para a criação do curso de Museologia em 2009 na UFPA.

Em entrevista concedida por ele, falou sobre a amizade com Dr. Cândido Bordalo, engenheiro e presidente do CREA e ele conselheiro por 33 anos no CREA, conheceu o seu irmão Dr. Alípio Bordalo, nessas conversas convidou para dar apoio e fez o que era possível. Na época era Diretor do Museu do Estado do Pará, colaborou através de Comodato<sup>14</sup> de vitrines e painéis para a abertura do Museu da Santa Casa. Além da orientação, dentro do possível, como ele mesmo falou como deveria ser a montagem nas montras<sup>15</sup>, fazer os fichamento das etiquetas do acervo. Essa ajuda foi de grande valor para o Museu, para Euler Arruda diz com suas palavras ao significado dessa contribuição:

Anos depois a Santa Casa teve uma data comemorativa importante ele até nos deu a medalha e diploma dessa ocasião, acho que todo o trabalho que agente fez, depois o próprio Conselho Federal de Museologia fez o reconhecimento nos dando a medalha e o diploma do Mérito Museológico Nacional, foi a primeira vez que alguém na região tinha recebido (Entrevista feita dia 27/06/2013).

É importante dizer que esse processo foi conjunto de serviços feito pelo conselho de museologia na região Norte. Além disso, ele próprio destaca que não é ser fácil ser museólogo no Estado do Pará, sem o apoio dos governantes para abrirem vagas para museólogo. Pois conselho sensibiliza a necessidade do profissional, nos museus para a preservação do acervo. Também ele destaca no MAHSC o trabalho do Dr. Alípio Bordalo que para andamento e conservação do acervo, algumas vezes, teve serviços pago do seu próprio bolso, por falta de recursos para o museu.

Pergunto sobre seu ponto de vista a importância do MAHSC para a sociedade paraense, e responde que ela é importante para a memória da medicina, porém o grande problema é que ele não tem muita divulgação, apesar da entrada é gratuita a visita, a formação de guias para a visita e acho que nesse sentido pode ser feito, sugere Euler Arruda.

<sup>14</sup> Comodato: empréstimo gratuito de alguma coisa que se deve ser restituída em tempo pré-estabelecido pelas partes interessadas.

<sup>15</sup> Montra significa na linguagem técnica vitrines.

Através dessa entrevista podemos refletir o mesmo pensamento do historiador Marcio Couto Henrique que trabalhou por um ano no MAHSC, em seus artigos, publicado na revista de Museus publicado em 2008 e 2009 com o título: *Aprendendo com pacientes/visitantes do Museu da Santa Casa do Pará e Um Museu Invisível*, em que fala sobre esse mesmo aspecto.

A entrevista feita com Marcio Couto Henrique foi bastante limitada e diferente quanto as anteriores, ocorreu por via eletrônica, pois, não se encontrava em Belém e a forma para que viabilizasse essa pesquisa foi através do e-mail, no qual já ajudou em outros trabalhos, e contribuindo dessa forma a pesquisa.

Historiador pela UFPA e doutor em Antropologia, no MAHSC trabalhou durante um ano, entre abril de 2008 e abril de 2009. Foi o primeiro e único historiador concursado para o museu. Saiu depois que passou em outro concurso para professor da UFPA.

Foi perguntado qual foi sua impressão diante do acervo, foi respondido que: *“É um rico acervo, mas que guarda pouco da história de uma instituição tão antiga na Amazônia. O acervo privilegia a história da medicina do ponto de vista oficial, o ponto de vista dos médicos.”* Através do acervo e o pouco tempo em que permaneceu no MAHSC denunciou em seus artigos, já citado, e percebeu a falta de preservação com alguns documentos da instituição, e frisa, atitude louvável e graças ao Dr. Alípio Bordalo, o museu ainda existe. Outro processo durante sua permanência foi o retorno dos Boletins informativos série II, em divulgação do acervo. Além de tentar, através do museu, reforçar os laços identitários entre os funcionários e a instituição.

O tempo que ficou no MAHSC, tentou organizar o espaço museográfico em pesquisa e produção de conhecimento histórico. Com intuito, que todo espaço museológico não ficasse apenas em exposição, mas também, estimular a pesquisa e informação. Na visualidade do acervo se preocupou em retirar documentos antigos que estavam guardados em armários dando-lhes visibilidade a eles. Além do órgão que estava abandonado, estragando na capela antiga e informou que:

A capela antiga faz parte do museu e parte do meu esforço foi no sentido de conseguir recursos para restaurá-la, mas até hoje ela segue em risco de desabar. Isso vai acontecer a qualquer hora, o que será uma grande perda. Meu trabalho todo foi muito solitário, sem apoio, sem recursos, tinha que usar meu próprio computador para trabalhar e enfrentei muitos inimigos internos, gente que não tem interesse nenhum na existência do museu. Todo o meu trabalho se encerrou com a minha saída (Entrevista por e-mail dia 15/07/2013).

Apesar de sua saída, não houve chamada de outro historiador para substituir e a vaga até então permanece vaga. Durante as visitas técnicas no museu percebe-se a falta do profissional para dar continuidade e preservação do Museu. Assim como Márcio Henrique enfatiza, "Não sei se o museu terá vida longa depois que Dr. Alípio Bordalo sair de lá", pensando nesse contexto e nos artigos publicados há possibilidade em concordar com suas palavras.

## **5 MUSEOLOGIA NO MUSEU/ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DR. ALÍPIO BORDALO, SUAS COLEÇÕES E EXPOSIÇÃO.**

A museologia no MAHSC, desde a sua formação, foi através de orientações buscada através do interesse do Dr. Alípio, por não possuir a formação de museólogo, buscou informação desde a sua primeira exposição, que reuniu sete coleções do acervo trissecular, pertencentes à Irmandade, posteriormente a Associação Civil de Caridade e hoje, a atual Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Além dos Boletins e catálogos houve exposições que ocorreram dentro do MAHSC foram:

- I Exposição temporária, no ano 1987, na abertura do museu;
- Exposição permanente, no dia 19 de outubro de 1987;
- I Exposição da Memória Médica do Hospital de Caridade, de 17 a 31 de outubro de 1988;
- I Exposição de Livros antigos de Medicina e ciências a fins, no ano 1988;
- Exposição da coleção de recortes de jornais, da coleção Hemeroteca, notícias da Misericórdia, dos anos 1910, 1911, 1922 a 1923;
- Exposição das coleções: hemeroteca e livros de atas, relatórios, etc. Período 22 de fevereiro a 30 de março de 1991;
- Participou da Exposição Momentos e Memórias, no Memorial Magalhães Barata, o Museu emprestou por três meses cinco objetos da coleção do acervo (BORDALO, BOLETIM, 1991c);
- II Exposição da Memória Médica Paraense, em participação da VII Semana Médica do Hospital Santa Casa de Misericórdia em comemoração ao dia do Médico, no dia 18 de outubro de 1993.

Atualmente o espaço do Museu chama bastante a atenção pela sua localidade. Dentro do hospital em um corredor principal da ala de internação no qual pode ser visualizado pelos que por ali passam, no qual, em virtude da existência de imagens sacras que compõe o acervo, algumas pessoas o confundem com a capela (Figura 13).



**Figura 13:** Corredor da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.  
Fotografia de Diogo Melo.

O museu é composto de duas salas e uma saleta. Uma sala (Figura14) comporta um acervo eclético de arte sacra, mobiliário, instrumento hospitalares, documentos, medalhas, lápides, piano e outros objetos do acervo.



**Figura 14:** Salão de exposição do acervo eclético do museu.  
Fotografia de Diogo Melo.

Em outra está em exposição objetos que remete a possibilidade da reconstituição do Salão Nobre com objetos que pertenceram o antigo salão como fotografias e bustos dos antigos Provedores da Santa Casa e mobiliários (Figura 15).



**Figura 15:** Segunda sala denominada de Salão Nobre.  
Fotografia de Diogo Melo.

A saleta, localizada entre as duas grandes salas (Figura16), se dá a entrada do museu, onde fica a funcionária da instituição para a recepção dos visitantes.



**Figura 16:** Saleta e entrada do Museu. Fotografia de Diogo Melo.

Nos Catálogos do MAHSC, publicado por Bordalo (1997, 2007, 2012) estão registrados parte do acervo que compõe o museu (Figura17):

- No primeiro Catálogo, estão agrupadas as seguintes coleções: Instrumental Médico-Hospitalar, Farmácia antiga, Sacra, Esculturas, louças e utensílios, Livros e documentos históricos, Diploma e certificados, livros antigos de medicina, Memória médica paraense, Fotografias, Cartões postais, Mobiliário artístico e Lápides.
- No segundo Catálogo: Instrumental médico-hospitalar, Farmácia antiga, sacra, Esculturas, Louças e utensílios, Memória médica paraense, Livros antigos de medicina e farmácia, Fotografias e iconografias, Cartões postais, Mobiliário artístico, Lápides, Azulejos, mosaicos e telhas, Hemeroteca, Relógios antigos.
- No terceiro Catálogo: Coleção documental, Sacra, Farmácia antiga, Louças e utensílios, Catálogos oriundos da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa, Instrumental médico hospitalar, Livros antigos de medicina, Hemeroteca, Memória médica paraense, Fotografias e iconografias, Relógio, Mobiliário artístico, Lápides.



**Figura 17:** Catálogos do MAHSC Nº 1, 2 e 3. Fotografia da autora.

Através da tabela (Tabela 1), podemos visualizar melhor o conteúdo dos catálogos e ainda perceber quais deles tiveram maior informação quanto a quantidade de acervo informado:

**Tabela 1** Objetos presentes nos catálogos Nº 1, 2 e 3 (BORDALO, 1997, 2007 e 2012)

<b>CATÁLOGOS DO MAHSC</b>		
<b>Nº 1 ó ANO 1997</b>	<b>Nº 2 ó ANO 2007</b>	<b>Nº 3 ó Ano 2012</b>
<b>Coleção Instrumental médico-hospitalar</b>	<b>Coleção Instrumental médico-hospitalar</b>	<b>Coleção Instrumental médico-hospitalar</b>
<b>Hemoglobinómetro</b>	Lavabo ó 1944	Lavabo - 1950
<b>Basiótribo de Tarnier</b>	Aparelho de nebulização em vidro	Microscópio bifocal
<b>Armário de instrumental cirúrgico</b>	Loefscope obstétrico de liga metálica acoplado ao estetoscópio	<b>Coleção Farmácia Antiga</b>
<b>Autoclave</b>	Tensiómetro	Balança metálica
<b>Coleção Farmácia Antiga</b>	<b>Coleção Farmácia Antiga</b>	Balança metálica e pesos da antiga farmácia
<b>Frasco de vidro cobalto</b>	Almofariz de mármore com pistilo de cabo de madeira	<b>Coleção Sacra</b>
<b>Pote de porcelana</b>	Balança milesimal	S. José com o Menino Jesus, em madeira de lei- da antiga Capela da SCMP
<b>Gral</b>	Conjunto de ventosas de vidro	Imagens Sacras: Sagrado Coração de Jesus, N. S. de Lourdes e genuflexório, em madeira de lei ó antiga Capela da SCMP
<b>Coleção Sacra</b>	Ânfora	<b>Coleção Documental</b>
<b>Candeeiro</b>	<b>Coleção Sacra</b>	Relatório do ano de 1909, apresentado em 1910
<b>Porta-ostensório</b>	Vitral de santa Maria ó 1988	Termo de juramento de sócio da Irmandade da SCMP ó 1890
<b>Imagem de Maria Menina (Bambina)</b>	Cortador de hóstia	<b>Coleção Louças e Utensílios</b>
<b>Coleção Esculturas</b>	Anjo em liga metálica ó 1875	Pratos de porcelana, com o nome da SCMP
<b>Busto do Frei Caetano Brandão ó 1870</b>	Imagem de Maria, José e Menino Jesus	Bandeja decorada com bordadura metálica, usada no pensionato da SCMP
<b>B. de Joaquim Pedro Corrêa de Freitas</b>	<b>Coleção Esculturas</b>	<b>Coleção Catálogos da Santa Casa de Misericórdia de Lisboa</b>
<b>B. de Francisco da Silva</b>	Busto de Antonio	Catálogo das obras impressas

<b>Castro</b>	Lacerda Chermont (Visconde de Arary)	dos séc.Xv e XVI - 1992
<b>Estatueta Apolo e Daphne</b>	B. Joaquim Pereira Guimarães	Catálogos d1994e obras impressas do séc. XVII -
<b>Coleção Louças e Utensílios</b>	<b>Coleção Louças e Utensílios</b>	Catálogo-A arte do livro na Misericórdia de Lisboa ó Os Cimélios da SC, Lisboa - 1997
<b>Molheira com inscrições da SCMP</b>	Terrina de porcelana com inscrições da SCMP	Catálogo das obras impressas séc. XVIII ó 1999
<b>Xícara com pires de porcelana com inscrições da SCMP</b>	Conjunto de café de porcelana com inscrições da SCMP	Azulejos ó Painés do séc. XVI ó XX, Volume I, SCML - 1994
<b>Escarradeira com inscrições da SCMP</b>	Xícara e pires de porcelana	<b>Coleção livros Antigos de Medicina</b>
<b>Coleção Livros e Documentos históricos</b>	Telefone à manivela em madeira e metal	LøOfficine de Pharmacie Pratique, E. Lépinos & Ch. Michel, Paris ó 1910
<b>Carta pastoral ó 1892</b>	<b>Coleção Documental</b>	Précis de Médecine Infantile, Edmond Weill, Paris ó 1914
<b>õIn Memoriamõ Excerptos de Frei Caetano Brandão ó 1905</b>	Relatório do Conselho Administrativo da Associação Civil da Santa Casa de Misericórdia ó 1896	<b>Coleção Hemeroteca</b>
<b>Recibo de Jóia -1885</b>	Livro de registro de internamento dos pacientes no Hospital õSenhor Bom Jesus dos Pobresõ ó final do século XIX	Um dia de festa ó õFolha do Norteõ, ano 1926
<b>Livro de Acta ó 1887</b>	Contrato entre Provedoria da Santa Casa e Congregação õFilhas de SantøAnnaõ ó 1905	Resultado de Loteria da SCMP, õFolha do Norteõ, ano 1926
<b>Livro de Acta ó 1890 a 1900</b>	<b>Coleção Memória Médica paraense</b>	<b>Coleção Memória Médica paraense</b>
<b>Coleção Diplomas e Certificados</b>	Diploma de graduação em medicina de Bettina Ferro de Souza ó 1935	These-Prophylaxia da Tuberculose, Hippolyto Carelli ó 1925

<b>Diploma de Sócio da Associação de Caridade SCMP</b>	These-Contribuição ao estudo do tratamento da filariose- bianor Martins Penalber ó 1925	These do Valor da Hygiene, Gentil Eloy de Figueiredo ó 1928
<b>Certificado de Enfermeiro ó Década de 30 e 40</b>	These de doutoramento- Mielopoiese esplênica comparativa de Jaime Jacinto Teixeira Aben-Athar ó 1943	<b>Coleção de Fotografias e Icnografias</b>
<b>Coleção Livros antigos de Medicina</b>	<b>Coleção Livros antigos de Medicina e Farmácia</b>	Enfermarias são Francisco ó déc. 1930
<b>Lençons de Physiologie Opératoire ó 1879</b>	Dictionnaire de Médecine, de Chirurgie, de Pharmacie ó È. Littré ó 1884	Enfermaria São João
<b>Prophylaxia da Peste, Febre Amarela e Cholera-Morbus ó 1898</b>	Farmacopea Italiana, de Giuseppe Orosi ó 1866-1876	<b>Coleção Relógios</b>
<b>Traité d'Anatomie Humaine par L.Testut ó 1904</b>	Tableaux Synoptiques de Pathologie Interne, Docteur VILLEROY ó 1899	Relógio com pêndulo ó déc. 1920
<b>Coleção Memória médica paraense</b>	Clinique Médicale de Lø Hotel-Dieu, G. Dieulafoy ó 1906	<b>Coleção Mobiliário Artístico</b>
<b>These-Prophylaxia da tuberculose entre nós ó 1925</b>	<b>Coleção Fotografias e Icnografia</b>	Chapeleira com vidro de cristal bisotado e vasos decorados, uma poltrona, uma cadeira, déc. de 1920
<b>These-Bubão Poradênico (Molestia de Nicolas-Favre) ó 1928</b>	Enfermaria Santa Maria	Conjunto de mesa e poltronas do antigo Salão Nobre do Hospital da Santa Casa
<b>These-Das Vitaminas e das Avitaminoses ó 1930</b>	Pavilhão da Infância ãBartolomeu Menezesó ó início do séc. XX	<b>Coleção de Lápides</b>
<b>Coleção de Fotografias</b>	Bloco cirúrgico do Hospital de Caridade da SCMP ó início do séc. XX	Lápide de mármore da Enfermaria Dom Frei Caetano Brandão ó 1906

<b>Salão Nobre do Conselho Administrativo da SCMP ó 1902</b>	Enfermaria do Pavilhão Infantil	Placa do Laboratório Jayme Aben-Athar
<b>Farmácia do Hospital de Caridade ó Déc. de 40</b>	Antigo corredor de acesso ao Pavilhão Infantil ó Bartolomeu Menezes ó 1986	
<b>Capela ó Déc. de 30</b>	Cartão postal da lavanderia da SCMP	
<b>Enfermarias São Paulo e Santa Rosa ó Déc. de 30</b>	Estábulo da SCMP	
<b>Ruínas do antigo pavilhão central ó 1950</b>	<b>Coleção Mobiliário Artístico</b>	
<b>Funerária</b>	Aparador, madeira de lei com espelhos de cristais bisotado	
<b>Coleção Cartões Postais</b>	Sofá e poltronas, com entalhes de figuras zoomórficas na parte superior dos espaldares e estamparia floral	
<b>Cartões com figuras da SCMP</b>	<b>Coleção de Lápides</b>	
<b>Coleção Mobiliário Artístico</b>	Placa de mármore da Enfermaria Baptista campos ó julho de 1907	
<b>Tinteiro</b>	Placa de mármore do Necrotério da SCMP ó 1903	
<b>Poltrona</b>	<b>Coleção Azulejos, Mosaicos e Telhas</b>	
<b>Étagere ou Aparedor</b>	Telha	
<b>Chapeleira</b>	Mosaico em cerâmica com desenhos geométricos	
<b>Coleção Lápides</b>	<b>Coleção Hemeroteca</b>	
<b>Lápides ó 1906 e 1935</b>	Recorte de jornal: Um dia festa na Santa Casa ó A Província do Pará, 1910	
	Recorte de jornal: Uma	

<p>offerta generosa à Santa Casa - Folha do Norte, 1925</p>
<p><b>Coleção Relógios</b> <b>Antigos</b></p>
<p>Relógio de parede com pêndulo</p>
<p>Relógio de parede com pêndulo</p>

A informação da quantidade total do acervo no MAHSC é desconhecida, sendo conhecida apenas em parte, através destes catálogos, que foi detalhado na tabela 1.

Contudo o Museu poderia dispor de uma política para inventariar todo o acervo com o interesse em saber a quantidade real de números de objetos existente. Das informações levantadas e disponibilizadas pelo Dr. Alípio, o museu, no momento, possui 15 coleções onde estão descritos nos três catálogos publicados, onde se pode se dizer que são o único registro de catalogação, porém, ainda não é o número real dentro do espaço do Museu e requer um trabalho minucioso de registro de todo o acervo.

Em uma das visitas realizada, estávamos procurando as moedas cunhadas pela Santa Casa, que foram usadas no Asilo Tucunduba. Foram encontradas algumas, mas não era a qual estávamos procurando. Frustrada por não encontrá-las, cogitei a possibilidade de terem sido furtadas. No entanto, para surpresa, foram encontradas em outro armário. Tendo em vista desse fato, o próprio idealizador relatou a existência de objetos que ainda estão guardados em gavetas e que requerem ordenação baseada nas categorias de catalogação da teoria museológica. No entanto, a ausência de profissionais qualificados para esse exercício torna-se um empecilho.

Algumas coleções do MAHSC como hemeroteca, fotografias, documentos de 1885 e outros se encontram organizados em caixa arquivo, no entanto algumas não estão em acondicionamento ideal. Por exemplo, as fotografias estão envoltas por papel neutro e estão empilhadas umas sobre as outras, o que facilita seu quadro de deteriorização. No entanto alguns outros objetos apresentam um cuidado mais especial com a sua preservação, no entanto esse cuidado se refere a intervenções simples e de baixo custo, onde o bom senso faz escolher o que é necessário e prioridade. Como Euler citou em sua entrevista, que muitas das vezes essa ajuda saiu do próprio bolso do Dr. Alípio Bordalo.

## 6 MUSEUS DE SANTAS CASAS NO BRASIL

As Santas Casas do Brasil guardam uma história de serviços à sociedade, e algumas delas possuem Museus, porém requer um estudo futuro mais aprofundado, é um objeto de estudo para saber quantas são abertas ao público e que aguça mais pesquisas sobre essa questão.

Em relação a Museus de Santas Casas no Brasil, podemos citar três como fonte de informação das Casas de Misericórdia, possuem Museus aberta ao público, com isso há a probabilidade do MAHSC ser uma da mais antiga, em relação a Museu aberta ao público em funcionamento, onde abrange um acervo diversificado relacionado com a Santa Casa, no Pará. Das três Santas Casas podemos citar:

- O Museu de Santa Casa de Misericórdia de São Paulo: foi mencionada a existência do Museu no ano de 1879, fato esse constatado numa carta escrita pelo arquiteto e engenheiro Luigi Pucci ao Provedor em 31 de maio de 1879. Porém acredita-se que concordou a chamar de *õmuseuõ* as salas de estudos médicos, pois, a Santa Casa era conhecida como hospital escola, sendo assim um museu de estudos médicos e não histórico. Porém em 1976 começou a organização de um museu histórico, no qual ficou designado o Dr. Pedro de Oliveira Ribeiro Neto. O museu ficou em uma sala fechada com objetos de arte, móveis e livros, a maioria das peças eram de doações. Até nos meados de 2000 o museu ainda não estava aberto para visitação do público, entretanto a inauguração do museu aconteceu no dia 21 de março de 2001, tendo ela 12 anos aberto a visitação do público, onde contava em média de 5.000 peças em seu acervo;<sup>16</sup> (Figura 18).

---

<sup>16</sup> <http://www.santacasasp.org.br/museu>, acessado no dia 27/06/2013



**Figura 18:** Museu da Santa Casa de São Paulo.

Fonte: Retirado de <http://www.santacasasp.org.br/portal/site/quemsomos/museu/museu>.

- Museu da Misericórdia, localizada na Bahia: foi inaugurado no dia 28 de janeiro de 2006, o museu abrange obras do século XVII, até os dias atuais, reúne peças como pintura, esculturas, carro, mobiliário, alfaias<sup>17</sup> imaginária, também apresenta Sala do Definitório (Salão Nobre) e dentro do Museu tem uma Igreja da Misericórdia, no qual é tombada pelo Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN)<sup>18</sup> ( Figura 19) ;



**Figura 19** Museu da Santa Casa da Bahia.

Fonte: <http://www.scmba.com.br/index.php?menu=museu>.

<sup>17</sup> Objeto em geral decorativo para uso pessoal ou doméstico nas igrejas era usadas para guardar peças da liturgia.

<sup>18</sup> <http://www.scmba.com.br/>, acessado dia 27/06/2013.

- Museu da Santa Casa da Misericórdia de Valença, Rio de Janeiro: fundado no ano 1996, cujo, o museu é dedicado a história e desenvolvimento da medicina, está localizado no antigo Salão Nobre, com acervo 200 objetos, no qual inclui fotos, documentos, pinturas, objetos relacionados a medicina, e entre outros relacionados a história da Instituição. Atualmente o museu se encontra fechado abrindo em eventuais eventos, mas seu arquivo histórico pode ser consultado<sup>19</sup>( Figura 20).



**Figura 20** Museu da Santa Casa de Valença no Rio de Janeiro.  
Fonte: Retirado de <http://www.santacasavalenca.com.br/museu.php>.

Através deste contexto explicitado à cima, e destacamos em tempo isso requer um estudo mais detalhado posteriormente, de Museus que conta a história e a trajetória das Santas Casas no Brasil, mas, baseados nesses dados, há a possibilidade do MAHSC ser o mais antigo Museu de Santa Casa no país dentro da Instituição em visitação aberta ao público e com entrada gratuita.

---

<sup>19</sup> <http://www.santacasavalenca.com.br/museu.php>, acessado dia 27/06/2013.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Museu da Santa Casa foi criado pelo idealismo do Dr. Alípio Bordalo com o objetivo de construir e preservar a memória médica da instituição através do recolhimento de objetos e documentos o que permite ser compreendido, como lugar de memória. Lembrando que no Brasil ainda são poucos os museus destinados a preservação da memória histórica das atividades médicas. Nesta perspectiva que a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, mantém o seu museu, que conta a história dessa instituição, que serviu a sociedade paraense em seus três séculos de existência.

A criação do museu se deu a partir de um passeio nos corredores da Santa Casa pelo Dr. Alípio Bordalo e depois com as reuniões sucedidas com outros grupos veio o surgimento do museu. Vale destacar desde aquele passeio nos corredores aguçou-lhe e provocou o interesse do colecionismo, dos semióforos, que deveriam estar reunidos em um lugar apropriado.

Podemos verificar que o MAHSC, numa leitura museológica, é um museu histórico tradicional, um *Mouseion* como o da Alexandria, em que as suas relíquias estão relacionadas a história da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.

Em observação ao contexto apresentado acima, o Dr. Alípio Bordalo faz uma análise em um dos Boletins e chama a atenção, sobre *Os Museus e a sociedade*, sobre como o povo vê o museu. Conclui que o museu não pode ser estático e sim integrar a comunidade e nas visitas técnicas percebemos essa manifestação com parte de estratégia, estando fora do recinto, em espaço musealizado fora da sala de exposição, onde constam informações históricas da instituição próxima ao local, onde os funcionários da Santa Casa acabam por ter uma visualidade e conhecimento do contexto histórico da instituição. Este local foi escolhido por ser um ponto estratégico próximo ao caixa eletrônico, onde são feitas transações monetárias e quem fica esperando do lado de fora contempla o espaço musealizado de informação, outro tipo de exposição (BORDALO, 1991a).

O interesse em juntar objetos em um único espaço, podemos pensar na *imaginação museal* de Mário Chagas (2003) quanto à criação e organização dos objetos significativos, mas na possibilidade de colocar sentimentos, sensações, intuições que podem ser despertados diversos tipos de sentimentos e diferenciar de pessoa para pessoa. E como pessoas a exemplo aqui podemos usar do Dr. Alípio Bordalo sem formação específica na área da museológica se relaciona e se interessa com este universo museológico e suas atuações, a ponto de se

interessar e depois buscar conhecimento nos cursos relacionados à museologia, para serem aplicados, em que podemos verificar nos artigos publicados de sua autoria, relacionados ao museu. Mesmo com seus 81 anos ainda em atuação, fazendo ainda, revisões dos artigos para publicação e edição da revista relacionada à medicina.

Além da *imaginação museal*, podemos pensar no museu interior em que Scheiner (2008) fala do museu que habita em nós, de percepções e memórias e que o MAHSC é também uma materialização do museu interior do idealizador.

Descrevendo a situação do MAHSC quanto ao seu funcionalismo em geral observamos a falta de recursos técnicos e funcional que venham dar um suporte para a segurança e acondicionamento do acervo. Outro ponto a se destacar é o processo de sistema de documentação, pois na visita técnica foi observada a falta desse instrumento de informação. O MAHSC não dispõe de livro de registro, os acervos não estão catalogados, e a única informação sobre o acervo depende dos Catálogos que foram publicados. Porém são poucos em relação à quantidade de objetos ainda serem registrados. Com isso, pela falta dessa sistematização dos documentos o MAHSC desconhece do seu real quantitativo de forma geral do seu acervo. O sistema de documentação possibilita a construção do regimento interno, um plano de controle de segurança dos acervos e Plano Museológico em que poderia ajudar até nas concorrências de editais para captar recursos que viessem ajudar o espaço museológico e dando visibilidade ao museu, a visitação pode ser feita de segunda a sexta e a entrada é gratuita.

Por se localizar dentro de uma instituição hospitalar em corredor próximo as enfermarias, dificulta a entrada das comunidades em torno que desconhecem a existência desse museu. Nas entrevistas que foram feitas a questão da visibilidade e localização, Euler Arruda pontua sobre essa questão em que poderia ter um trabalho voltado para esse problema, sugeriu as variadas vias de comunicação e além de uma comissão de monitoria de grupos para sua visitação. Em entrevista com Márcio C. Henrique, falou também da visibilidade, no período que trabalhou no MAHSC, tentou dar visibilidade, colocou isso em prática como: modificando a expografia do museu, retirando documentos e objetos que se encontravam dentro de gavetas, organizou espaço de pesquisa para produção de conhecimento, artigos relacionados ao museu e na importância patrimonial sobre a preservação da memória da instituição.

O museu não é apenas lugar de guardar e a Museologia não só apenas serve ao museu, mas também acompanha o processo museológico de coleta, documentação, pesquisa e comunicação. Pelo menos o MAHSC contou com a iniciativa do seu idealizador em informar

através dos Catálogos, informações de uma pequena quantidade do acervo que de alguma forma é uma fonte de informação. A falta de funcionários habilitados para o serviço dificulta a organização do acervo, esse fato foi constatado, por exemplo, no mês de julho, em que as férias da única funcionária dificultaram o desenvolvimento do trabalho, pois o museu neste período permaneceu fechado. Apesar de solicitar para o setor administrativo a contratação de funcionários ou estagiários habilitados para o museu, ainda permanece a carência de funcionários habilitados para o setor. Com isso o MAHSC trabalha com os recursos humanos que dispõe. Também destacamos que o local também necessita de preocupação quanto a visitação de pessoas com a acessibilidade, pois logo na entrada encontra-se uma escada de degraus alto e sem corrimão dificultando a locomoção de quem entra no museu.

O próprio idealizador informou em um dos Boletins sobre a necessidade dos intercâmbios que os museus deveriam ter, o MAHSC mandava para os outros museus do Brasil exemplares do Boletim e dos Catálogos com intuito de intercâmbio entre os museus, alguns respondiam e outros não. Uma iniciativa que hoje está presente nos princípios da Lei do Estatuto dos Museus, lançado anos depois. Outra visão para o futuro, informado nos Boletins, da falta de profissionais para o corpo funcional do MAHSC e nele menciona a necessidade do Museólogo em um dos boletins, nisso podemos ver seu olhar para o futuro da preservação dos museus. Em tempo depois foi sancionada a Lei 11904 de 2009, em que na Seção I fala sobre os museus públicos:

Seção I Dos Museus Públicos - Artigo 17: Os museus manterão funcionários devidamente qualificados, observada a legislação vigente. Parágrafo Único. A entidade gestora do museu público garantirá a disponibilidade de funcionários qualificados e em número suficiente para o cumprimento de suas finalidades (Lei Nº 11904, de 14 de janeiro de 2009).

Como o MAHSC é um museu público, e as Universidades se preocuparam com a formação dos profissionais para compor o quadro de funcionários habilitados e qualificados para ingressar para o cumprimento de suas finalidades nos museus. E nós futuros museólogos esperamos que a Lei Nº 11.904, venha de fato fazer os museus se adaptam conforme os princípios da Lei no prazo de cinco anos realmente cumpram-se de fato, esse prazo encerrará em 2014.

Buscamos nesse trabalho entender quanto à classificação, o quantitativo do seu acervo num olhar museológico entender esse processo. Durante as coletas de dados e as visitas técnicas percebemos a preocupação em divulgar suas atividades e informações perante a instituição onde guarda uma parte da história dessa instituição contada no museu através do seu acervo.

Apesar das dificuldades que encontramos para coletar dados durante as visitas técnica, por falta de maior disponibilidade do Dr. Alípio Bordalo em acompanhar a pesquisa. A presença do Dr. Alípio era de fundamental importância tendo em vista o fato do mesmo possuir grande conhecimento sobre a história da instituição e domínio de informações sobre objetos acolhidos para a formação do acervo. A dificuldade de presença do médico nas visitas técnica se dá pelo fato de sua disposição física, sendo ele um senhor com seus 81 anos. Porém, nos encontros possíveis, se dispôs para tirar dúvidas e apresentar os fatos necessários utilizados para a composição deste trabalho.

Na última visita técnica a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, percebi seu Dr. Alípio muito triste e afirmou que terminaríamos a pesquisa nesse dia, de fato foi a última e fiquei triste, porém foi muito proveitoso.

Saindo da sala passei na antiga capela, no qual segundo Dr. Alípio falou que ela é ligada ao museu, porém não oficialmente, e foi visto em um corredor a porta aberta, da antiga capela, mais um feliz acontecimento chegando ao local foi observada a capela em estado de total deterioração em situação bastante crítica, a ponto de desabar a qualquer momento, diferente da outra capela nova. Como o Henrique (2009) relatou em seu artigo *Um Museu Invisível*, sobre o descaso do patrimônio da instituição e menciona e demonstra em fotos a precariedade da capela, fato comprovado tal como ele cita em seu artigo. A capela corre o risco de desabar o teto a qualquer momento e, além disso, tem vestígio, de talvez um piano ou órgão ou do que sobrou dele abandonado.

É muito triste ver um local ser desprezado pelo descaso quanto à memória paraense. Outro fator que é importante salientar é a sua localização próxima a maternidade, uns dez passos apenas. Qualquer acidente ocasionado pelo desabamento da capela pode acarretar sérios riscos aos pacientes e funcionários da instituição.

E os poucos dias que passei nessa instituição concluo-o, diferente das opiniões em relação ao historiador, para uns ele era bem visto e para outros não. Assim tanto ele quanto o idealizador possuem o interesse em deixar para as próximas gerações a memória de uma instituição e história da Fundação da Santa Casa de Misericórdia do Pará exposta no MAHSC.

Esses são os fundamentos básicos da Museologia e vejo o descaso com relação ao MAHSC e vou mais além, o museu tem apenas três funcionários, contando com seu idealizador com seus 81 anos em que ele mesmo fala e repito novamente aqui na entrevista dada para esse trabalho:

Minha senhora, eu vivo aqui na Santa Casa desde o quarto ano de Medicina. **Vivo!** Isso aqui é prolongamento de minha casa, **essa Santa Casa de Misericórdia, claro é o prolongamento da minha casa...A Santa Casa é o quintal da minha casa** (Entrevista BORDALO, 23/05/2013, grifo nosso).

Porém nos fechar dos seus olhos para vida, creio que também fechará as portas desse museu. Aguardamos para que isso não aconteça. E esperamos que o Estatuto do Museu, a Lei 11.904 de 2009, venha contribuir a tempo, o MAHSC. Mas para isso aconteça necessita também ajuda dos poderes públicos para a manutenção dos museus.

A Santa Casa de Misericórdia do Pará, desde a sua implantação, passou por várias transformações ao longo de sua história. No entanto mantém sua vocação primária que é o serviço, assistencial nas práticas médicas na região amazônica.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR E BORDALO, Gilberto F. S. e Alípio A. B., *Museu da Santa Casa de Misericórdia do Pará: Resgate do Passado de uma Instituição de Caridade da Amazônia*; Ciências em Museus (1990) 2, p.73-81.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo, **O objeto da Museologia: a via conceitual aberta por Zbynek Zblaslav Stránský**. Dissertação de Mestrado apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. UNIRIO/MAST - RJ, Abril de 2008.

BORDALO, Alípio Augusto Barbosa. **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.1, n.1, 1988a, 19p.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.1, n.2, 1988b, 9p.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.1, n.3, 1988c, 7p.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.2, n.4, 1988d, 6p.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.2, n.5, 1989a, p.5.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.2, n.6, 1989b, p.6.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.3, n.7, 1989c, p.7.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.3, n.8, 1989d, p.4.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.3, n.9, 1990a, p.4.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.3, n.10, 1990b, p.3.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.4, n.11, 1990c, p.3.

\_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará**. Boletim Informativo, V.4, n.12, 1990d, p.4.

- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.4, n.13, 1991a, p.4.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.4, n.14, 1991b, p.4.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.4, n.15, 1991c, p.4.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.5, n.16, 1991d, p.6.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.5, n.17, 1992a, p.4.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.5, n.18, 1992b, p.5.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.5, n.19, 1992c, p.4.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.6, n.20, 1992d, p.3.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.6, n.21, 1993a, p.3.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.6, n.22, 1993b, p.3.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.7, n.23, 1993c, p.3.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.7, n.24, 1994a, p.4.
- \_\_\_\_\_ **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, V.7, n.26, 1994b, p.7.
- \_\_\_\_\_ *A Misericórdia Paraense: Ontem e Hoje.* Belém: Sagrada Família, 2000. 99 p.
- \_\_\_\_\_ **Catálogo do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa.** Belém, PA, 1997.
- \_\_\_\_\_ **Catálogo do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa.** Belém, PA, 2007.
- \_\_\_\_\_ **Catálogo do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa.** Belém, PA, 2012.
- CHAGAS, Mário de Souza. **No Museu com a turma do Charlie Brown,** Caderno de Sociomuseologia Nº 2 óLHT, Lisboa, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Memória e Poder: dois movimentos.** Caderno de Sociomuseologia Nº 19 ó ULHT, Lisboa, 2002.

\_\_\_\_\_. **Imaginação Museal ó Museus, Memórias e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.** Tese de Doutorado Programa Pós-graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, 2003.

DUARTE, Alice. **O museu como lugar de representação do outro.** Disponível em: [://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23636/2/aliceduartemuseu000096287.pdf](http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23636/2/aliceduartemuseu000096287.pdf) Último acesso realizado em 06 de março de 2013 às 10h51min.

HENRIQUE, Márcio Couto, **Aprendendo com pacientes/visitantes do Museu da Santa Casa do Pará.** Postado em 30 de julho de 2008 \ 23:58 por Editoria Revista Museu. Disponível em: < [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=16828](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=16828)> acesso em: 16/03/2013.

\_\_\_\_\_. **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, Série II V.1, n.1, 2008a, p.7. Disponível em: < <http://marciocoutohenrique.blogspot.com.br/2010/02/boletim-do-museu-da-santa-casa-de.html>> acesso em: 04/03/2013.

\_\_\_\_\_. **Museu da Santa Casa de Misericórdia Pará.** Boletim Informativo, Série II V.1, n.2, 2008b, p.9. Disponível em: <<http://marciocoutohenrique.blogspot.com.br/2010/02/boletim-do-museu-da-santa-casa-de.html>> acesso em: 04/03/2013.

\_\_\_\_\_. **Um Museu Invisível.** Postado em 26 de março de 2009/ 16:20 por Editoria Revista Museu. Disponível em: < [http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art\\_.asp?id=19180](http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=19180)> acesso em: 16/03/2013.

\_\_\_\_\_. **Escravos no purgatório: o leprosário do Tucunduba (Pará, século XIX).** *História, Ciências, Saúde ó Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.19, supl., dez. 2012, p.153-177. **Disponível em:** <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v19s1/09.pdf>> Acesso em: 24/05/2013.

JACOB, Christian, Ler para escrever: navegações Alexandrinas. In: BARATIN, M. & JACOB, C. **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000, P.45-73.

MARCÍLIO, M. L. **A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726-1950.** In: *História Social da Infância no Brasil*, FREITAS, M. C. (Org.) São Paulo, Cortéz, 7ª ed, 2009.

MELO, Diogo J. de.; Costa, Sue A. F. da. **Linha de pesquisa ãMuseu, Museologia e Ciênciaã do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará: uma busca pelo patrimônio científico nos museus.** Anais ó III Semana Nacional de Museus na UNIFAL ó MG, Museu e Memória de 16 a 18 de maio de 2011.

MELO, Diogo Jorge; VERÍSSIMO, Wanderlena do Socorro Correa. **Pensando novas formas de pesquisa: museologia e saúde mental na cidade de Belém.** IV Seminário de Pesquisa em

Museologia dos Países de Língua Portuguesa e espanhola e 21º Encontro Anual do Subcomitê Regional de Museologia para a América Latina e o Caribe, Rio de Janeiro (Imprint)..

MIRANDA, Aristoteles Guilliod de. **A medicina no Estado do Pará, Brasil: dos primórdios à Faculdade de Medicina**. Revista Pan-Amaz Saúde, 2010.p.11-18. Disponível em:

<[http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S217662232010000300002&lng=pt&nrm=.pdf](http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217662232010000300002&lng=pt&nrm=.pdf)> acesso em: 20/05/2013.

NASCIMENTO, Rosana. **O objeto museal como objeto de conhecimento**. Caderno de Museologia Nº 3, 1994, 7-32.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, v.2, n.3, 1989, 3-15.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

POMIAN, Krastof. Memória. *In*: **Enciclopédia Einaudi**: Sistemática. Lisboa: Imprensa Nacional ó Casa da Moeda, v.42,2000.

SCHEINER, Tereza Cristina. **Museologia, globalismo e diversidade cultural**. Conferência proferida no México no VII Encontro Regional do ICOFOM LAM, 1998. Apostila de Museologia. Profª Tereza Scheiner.

\_\_\_\_\_. **O Museu como Processo**. Caderno de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa / Letícia Julião, coordenadora ; José Neves Bittencourt, organizador. - Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008 ( p.44-46).

\_\_\_\_\_. **Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, V.7, n.1,p.15-30,jan.-abr.2012.

VIANNA, Arthur. *A Santa Casa de Misericórdia Paraense notícias histórica 1650-1902* ó 2ª Ed., Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1992 (Lendo o Pará,11), 366 p.

## APÊNDICES

### ENTREVISTA NA INTEGRAL: Dr. Alípio Bordalo ó dia 23/05/2013

Entrevistador: Bom dia Dr. Alípio Bordalo, estamos aqui para essa entrevista com objetivo para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no caso o tema vai ser Museu/Arquivo da Santa Casa (ele me corrigi o nome do museu, Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa), desculpa, e estamos aqui, eu como aluna de Museologia e fazer umas perguntas sobre como foi que aconteceu essa formação,, com suas palavras, como foi que aconteceu a formação desse museu. Como ele surgiu essa ideia de se montar esse museu.

**Dr. Alípio Bordalo:** O museu surgiu a vinte cinco anos, vai fazer agora em junho vinte cinco anos, ele foi fundado dia 22 de junho, foi fundado ao dia 22 de junho de mil...novecentos...e...noventa...e cinco.

Entrevistador: 87.

**Dr. Alípio Bordalo:** Bem exatamente. 1987 e sete em 1987, portanto já completou 25 anos, aliás, ano passado, ele fez 25 anos ano passado

Entrevistador: Bodas de prata.

**Dr. Alípio Bordalo:** ano passado né, agora ele vai fazer ele vai completar 26 anos. O Museu, minha senhora, ele é fruto de... dois fatores duas coisas importante: Idealismo, idealismo, ideias e força de vontade(falar mais com tenuous) é querer fazer, querer fazer a coisa e se faz! Se faz quando tem... força mental e boa vontade. O Museu nasceu numa sala, numa sala, uma sala do pavilhão das Irmãs de Caridade da Santa Casa, começou numa sala. Hoje ocupa o espaço da farmácia antiga são duas salas grandes e uma saleta no meio, onde é a secretaria do Museu. Duas salas grandes, numa sala funciona a galeria e de outra sala é que nos chamamos orgulhosamente de Salão Nobre! He, He,He.( risos de orgulho)

Entrevistador: Só uma pergunta, a primeira sala onde foi?

**Dr. Alípio Bordalo:** No pavilhão, no antigo pavilhão das Irmãs e hoje não existe, hoje não é mais das Irmãs é uma enfermaria, uma enfermaria de pediatria.

Entrevistador: você sabe qual é a enfermaria?

**Dr. Alípio Bordalo:** Sei qual é a enfermaria. Mas hoje tá tudo modificado, tá tudo modificado, houve alteração....

Entrevistador: Mas qual é a enfermaria atualmente?

**Dr. Alípio Bordalo:** é uma enfermaria no corredor próximo a capela, de quem vai em direção da capela do lado direito na enfermaria da pediatria.

Entrevistador: Como foi sua ideia de criação do museu foi sua? Ou da instituição?

**Dr. Alípio Bordalo:** (interrompendo a pergunta) Minha! Minha! não, não! Minha! Minha! minha, minha, foi própria. Minha! Minha!

Entrevistador: E como foi, você foi falar com algum diretor....

- interrompendo, ele falou:

**Dr. Alípio Bordalo:** o que mais me inspirou a organizar e fundar o Museu da Santa Casa. Foi quando eu via os bustos de mármore, bustos de mármore, de antigos provedores no corredor da Santa Casa. E vi numa sala da enfermaria S. Roque umas três fotografias de antigos provedores. Isso foi..., isso foi..., isso foi se somando e cheguei à conclusão que seria útil e necessário a organização do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa e que hoje é uma realidade.

Entrevistador: E agrupar em só um espaço, os objetos estavam todos espalhados?

**Dr. Alípio Bordalo:** Claro! Estavam espalhados em vários setores, no corredor, no corredor principal. Aqueles bustos de mármore que estão lá, estavam no corredor. Um deles uma noite caiu, a do Silva Castro, o ilustre médico paraense do século XVIII.

Entrevistador: E quem ajudou a juntar esses objetos todos, dos bustos, dos documentos, coletar esses dados todos que estão aí?

**Dr. Alípio Bordalo:** Os recursos a mão de obra, era uma mão de obra braçal né? Que os bustos pesam. Agora uma pessoa muito me ajudou na organização do acervo documental foi a finada dona Yolanda, ela se chamava Yolanda.

Entrevistador: Você lembra o sobre nome dela?

**Dr. Alípio Bordalo:** Não! Ela era responsável pelo arquivo do hospital eram duas funcionárias que trabalhavam no arquivo a Oneide e a dona Yolanda já falecida.

Entrevistador: Essas eram seus braços direito do Museu? De juntar, coletar os objetos para o acervo?

**Dr. Alípio Bordalo:** Não! O braço direito era eu e mais, meu braço direito era eu e mais e, essa é que a verdade. Porque a maioria, a maioria não sabia o que era um Museu Arquivo Histórico, não conheciam, não sabiam o que era um Museu Arquivo Histórico. Compreendeu? Pensavam que fosse organizar pensavam que eu ia fazer um Museu Zoológico, Botânico. Isso é outra coisa. Museu tem vários tipos: Museu de Artes. Compreendeu? Tem vários tipos de Museus. O sentido da palavra é um sentido amplo. E, então nós temos no Museu do Arquivo/Histórico da Santa Casa MAHSC que se chama MAHSC nós temos documentos com

mais de cem anos, cento e dez anos. Nos temos um livro de registro, um livro de registro dos pacientes internatos em fim que tiveram alta ou pacientes falecidos no hospital, um livro grande de 1892 se não me engano ou 1893, no século XX não é? Não é do século XIX ó se corrige.

Entrevistador: Era do antigo Hospital de Caridade?

**Dr. Alípio Bordalo:** Sim! É era a do antigo Hospital Senhor Bom Jesus dos Pobres. Porque esse hospital ele é de 1900.

Entrevistador: E a relação museu com a instituição, você quando criou teve apoio da Direção da Santa Casa ou em outro momento?

**Dr. Alípio Bordalo:** Um apoio relativo, um apoio relativo. Mas! Aos poucos eu fui obtendo mais apoio logístico moral, devo até apoio moral das pessoas que viram a realidade das coisas o interesse o que seriam o Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa. Que eu saiba, no Brasil todo, muito poucas Santas Casas tem Museus. A Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, eles tem lá Museu de Farmácia, belo Museu, são duas salas. Mas é só de Farmácia. A Santa Casa de Porto Alegre tem também existe um Museu. Inclusive nós temos a que um livro que fala sobre o aterro da Santa Casa Misericórdia de Porto Alegre, lá chamam de Porto Alegre a capital do Estado né? Santa Casa de São Paulo tem Museu também, mas, é um Museu muito fechado. A do Santos! A Santa Casa de Misericórdia de Santos é a mais antiga do Brasil, é a mais antiga do Brasil. Fundada por Brás Cuba. Brás Cuba era um navegador português não? Um almirante da armada portuguesa naquela época, século XVI, mil quinhentos e pouco. Em São Paulo tem Museu. Eu recebi, eu tenho uma medalha, que muito me orgulha que recebi da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia de Santos, o Título da medalha Ilustre Visitante.

Entrevistador: E na Bahia é a mais recente em Museus de Santa Casa no Brasil.

**Dr. Alípio Bordalo:** Como você sabe disso?

Entrevistador: Lendo, pesquisando.

**Dr. Alípio Bordalo:** Então me mostre, mostre porque estou muito interessado. Me traga breve.

Entrevistador: E o Museu pra você, como você pensa o museu, o que ele significa, o que ele é pra você e se você pudesse fazer... O Museu é claro que agente sabe nunca faz um Museu que agente quer e sim o Museu que agente pode, como seria esse Museu da santa Casa?

**Dr. Alípio Bordalo:** Museu Histórico, o Museu Histórico a maior finalidade é a Preservação do Patrimônio Histórico, é a maior finalidade do museu, do Museu Histórico, Preservação, Documental. A segunda missão é a Pesquisa, é uma área de pesquisa ampla. Ainda tem muita

coisa para pesquisar, e agora quem é que vai pesquisar lá no Museu? São alunos de Museologia e História e outras pessoas mais interessadas, né? Aqueles afins. Preservação e Exposição do acervo, expor o acervo. Divulgação, a divulgação do Museu ela se faz através das publicações, nos temos uma publicação. Vou-lhe mostrar então as publicações dos Museus são os Catálogos. Bom, nos temos o Catalogo Nº1, 1987, portanto já fez vinte anos não já? Mais de vinte anos já. Este, este é o catalogo do Museu da Santa Casa Nº 1 mostra na sua capa o belo e antigo **Salão Nobre** da Santa Casa, (com exaltação ao falar), era imponente, o Salão Nobre não existe, o prédio foi demolido porque estava ameaçando **a ruir**. O corpo do prédio era linda, a entrada da Santa Casa, era muito bonita, muito bonita. **Ruiu!** Tem só uma parte do corpo, **virou uma polemica!** Alguns queriam restaurar e outros queriam demolir tudo, venceu a escolha a corrente da demolição e a construção de um novo prédio que **muito demorou, muito demorou**, este pavilhão daqui da Oliveira Belo. É, mais não é igual, está muito longe do antigo, da antiga Santa Casa, né? Então na capa, aqui mostra o salão Nobre e a **Bancada!** O que nos resta são as poltronas. **Porque a Bancada!** Eu não encontrei.

Entrevistador: Dr. Alípio.....

**Dr. Alípio Bordalo:** Não, não Eu não encontrei! **A Bancada. (repetindo e triste em sua expressão ao falar, com a voz meio tremula, emocionado)**

Entrevistador: Estava onde essas poltronas, onde você encontrou?

**Dr. Alípio Bordalo:** Ah meu amigo! Estavam espalhadas, haviam poltronas até no porão da Santa Casa. E **as colunas** também, você vê aqui as colunas de madeira que ainda existe.

Entrevistador: Ainda existe? Elas estão no museu?

**Dr. Alípio Bordalo:** Ainda existe. As colunas, elas estão no museu. Não estão todas elas, nos temos duas desse tipo e duas maiores onde estão o busto do Silva Castro. Mas era bonito, não era!? Era do Salão Nobre, e aqui é o Mezanino, aqui você vê o Mezanino do Salão Nobre, semelhante ao Mezanino do Salão Nobre do Teatro da Paz muito parecido.

Entrevistador: Ao adquirir os objetos a Santa Casa aceita os objetos para doação? Mas relacionada a Santa Casa ou não?

**Dr. Alípio Bordalo:** Aceita, relacionada área da saúde e aos hospitais. Nós já recebemos, já recebemos alguns objetos que eram da Santa Casa e que foram retiradas de maneira errôneas e que alguns tiveram a consciência e devolveram quando viram que já existia um lugar, já existia um Museu aqui um Museu Histórico da Santa Casa.

Entrevistador: Tire uma dúvida para mim como foi o registro do Museu como aconteceu? Em que li foi através do antigo Ministério da Cultura como sucedeu essa inscrição?

**Alípio Bordalo:** Nós temos o Museu da Santa Casa, existem duas ou três pessoas **abnegadas** e que **muito colaboraram**. Dentre elas, dentre estas pessoas muito se destaca o Professor, Arquiteto e Museólogo Euler Arruda. Conhece? ele é Professor? Da escola de Museologia, não é? Não é?

Entrevistador: Não, não o conheço. Ele é Professor de Arquitetura.

**Dr. Alípio Bordalo:** Euler Arruda, foi ele que, foi idealizador e fundador do Museu do Estado, que começou lá no Palacete Bolonha e depois se transferiu lá para o Lauro Sodré, lá no Largo do Palácio. O Museu do Estado é bonito!

Entrevistador: E como se chegou a essa documentação para inscrição, para o Ministério da Cultura?

**Dr. Alípio Bordalo:** ele nos orientou, e fizemos expediente. Nós temos lá....Deixo ver aqui

**Dr. Alípio Bordalo:** Nessa jornada aqui eu ganhei eu fui agradecer o terceiro lugar aqui, leia, leia isso aqui leia alto por obséquio. Certificado...

Entrevistador: ãCertificamos que Alípio Augusto Bordalo, participou do vigésimo terceiro Congresso Sociedade Brasileiro Médico Escritor e Terceira Jornada de Guimaraes Rosa, realizada em Ouro Preto no Hotel Estalagem das Minas gerais, no período de 03 a 06 de junho de 2010. Na qualidade de autor do texto: ãSanta Casa de Misericórdia do Pará 360 anosö. Premiado em terceiro lugar no concurso IBRAMES da História da Medicinaö. Muito bem! Parabéns!(várias vezes ao ler, ele me corrigia, na pronuncia e na correção das palavras, a verdade que estava muito nervosa)

**Dr. Alípio Bordalo:** E esse outro aqui?

Entrevistador: Ah! Esse foi sobre ão Marco da Memória Médica Paraenseö

**Dr. Alípio Bordalo:** ãUm Marco da Memória Médica Paraenseö, apresentado no concurso de... Aja assinatura olha uma, duas, três e quatro assinaturas. O presidente era Dr. José Maria Chaves e o prefeito do Congresso era o marco Aurélio Bagio. O Chaves era do Ceará, ilustre brasileiro e o Bagio é de Minas Gerais.

Entrevistador: E os amigos do Museu, ainda ajudam o Museu?

**Dr. Alípio Bordalo:** Ajudam nada! Os amigos do Museu é a Renata essa secretaria aqui, esta é a Amiga do Museu, porque a parte burocrática ela me ajuda muito a parte de correspondência. Olha este diploma aqui, leia esse diploma aqui.

Entrevistador: ãFundação Santa Casa de Misericórdia, confere este Diploma Alípio Augusto Barbosa Bordalo, pelos seus relevantes serviços em prol das causas dos menos favorecidosö Ah! É o mesmo certificado que antigamente eles davam né?

**Dr. Alípio Bordalo:** É! Isso aqui, **isso lindo!** Nós temos lá no Museu uma foto disso aqui um exemplar **original** desse Diploma. Olha senhora! tem assinatura do Geminiano Lira Castro, que era o provedor.

Entrevistador: Era dado aos que contribuíram?

**Dr. Alípio Bordalo:** É! muitos, contribuíram. Houve gente que doaram fazenda para Santa Casa e depois roubaram também.

Entrevistador: Sobre a reserva técnica do Museu, onde é?

**Dr. Alípio Bordalo:** Nas gavetas (riso). Sobre as gavetas, são as gavetas das Montra. Chamam-se Montra. As Montras é onde expõe os objetos e como o espaço é muito pouco nos guardamos muito documentos dessas coisas nas gavetas, elas estão cheias.

Entrevistado: Existe um catálogo ou livro de tombo, de todos os matérias, de um catalogo de registro de todo o acervo?

**Dr. Alípio Bordalo:** Livro de tombo? (Bate com os catálogos na mesa indicando onde estão o registro do acervo)

Entrevistador: Ah! Estão todos registrados ai, não existe um livro?

**Dr. Alípio Bordalo:** Não, não estão todos. Ah! Tem, tem, temos sim. Nos **falta, nos falta alguém!** Porque eu iniciei, iniciei...

Entrevistador: Aproveite que eu estou aqui! Falta alguém estou aqui por enquanto.

**Dr. Alípio Bordalo:** Ah! Se você quiser fazer **espontaneamente** por enquanto, espontaneamente, o Museu lhe recebe de braços abertos, espontaneamente não garante emprego. Pode ser que futuramente, futuramente. Porque você já é formado e formada e diplomada?

Entrevistador: Vou me formar, agora em Agosto.

Entrevistador: Voltando ao livro de Tombo, de todos os objetos catalogados não estão ainda todos catalogados?

**Dr. Alípio Bordalo:** Não estão. Nós temos lá umas pastas iguais a estas, compreendeu! Onde se encontra alguma coisa da **Ca-ta-lo-ga-ção** do acervo, alguma coisa. O **Fichário**, um fichário do objeto, olhe só, como se faz um fichário de um objeto. Quem me ensinou isso foi o senhor Euler Arruda. Olhe aqui meu amigo? olhe como é a catalogação de um objeto, é uma ficha museologica completa de um objeto. Esse aqui é número um e todos eles estão ricos. Esse livro aqui é de minha autoria.

Entrevistador: Sua formação acadêmica é Médico?

**Dr. Alípio Bordalo:** Médico, pela UFPA, depois de formado fiz especialização e fiz curso de extensão em obstetria na Universidade Federal do Rio de Janeiro no hospital dos Vales das

Laranjeiras é um bairro das Laranjeiras, tem um bairro que é da Universidade do Rio de Janeiro.

Entrevistador: Depois do hospital das Laranjeiras como você veio parar aqui na Santa Casa, em que ano?

**Dr. Alípio Bordalo:** Rapaz! Eu vivo aqui na Santa Casa desde o quarto ano de Medicina. **Vivo! Isso aqui é o prolongamento da minha casa.** Esta Santa Casa Misericórdia do Pará é o prolongamento da minha casa. Porque eu tenho duas funções, eu posso dizer que são **funções nobres: Eu sou responsável pelo Museu e sou editor da Revista Paraense de Medicina.**

Entrevistador: O senhor fez algum Mestrado e Doutorado?

**Dr. Alípio Bordalo:** Não fiz nenhum Mestrado ou Doutorado, eu tenho uma longa experiência de observação.

Entrevistador: Quantas participações em Congressos em Museus?

**Dr. Alípio Bordalo:** Congressos em Museu, um no Museu Goeldi, tá lá o diploma e certificado, e outro em Minas Gerais, Ouro Preto em Congresso em Museologia. Em Ouro Preto, já fui duas vezes. Você conhece Ouro Preto? Tudo bem conservado do século XVII. Eu conheci o primeiro Museu Histórico, chamavam não sei o que da Memória. Rapaz! É do século XVIII o Museu de Marília e Dirceu, Marília e Dirceu era uma obra poética de um autor mineiro, de um escritor mineiro do século XVIII.

Entrevistador: Quantas produções você já fez falando sobre a Santa Casa?

**Dr. Alípio Bordalo:** As produções? São uma, só Catálogo são três, mais quatro, a Revista eu perdi de vista. Eu assumir a responsabilidade dessa revista, olhe só...

Entrevistador: Também vi sobre produções suas na Revista do Goeldi?

**Dr. Alípio Bordalo:** Eu tenho, eu tenho uma lá, disse bem eu tenho um trabalho eu tenho aí um artigo de um trabalho na Revista do Museu Goeldi, **sobre** a instalação do Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa.

Entrevistador: Esse interesse em trabalhar com Museu era uma coisa que você teve vontade ou foi aparecendo?

**Dr. Alípio Bordalo:** Foi espontânea, lenta e espontânea. Eu não sou Museólogo. Mas, eu sou uma pessoa e busco há muito tempo, viu, muito tempo a história da Santa Casa, história da Santa Casa. Bom! eu me orgulho do Prefácio que eu fiz do livro do Arthur Vianna, da segunda edição, a convite do saudoso, ele era secretário do Estado de Cultura, já faleceu, faleceu novo.(uma pausa para procurar o livro do Arthur Vianna em sua biblioteca, ele tem a

primeira edição do escritor, onde todos estavam procurando o dito livro) O Leonidas muito colaborou com o livro e uma semana antes do lançamento do livro veio a falecer.

Entrevistador: A sua expectativa pro futuro do Museu, Museu/Arquivo Histórico da Santa Casa?

**Dr. Alípio Bordalo:** O nosso sonho, o nosso sonho é ganhar espaço. Porque ganhando espaço, com várias salas. Ah! O Museu vai crescer muito. Tem condições para crescer, tem! Tem condições, porque o acervo é grande. Aquelas duas salas e aquela saleta, aquilo ali tá tudo amontoado, e o **Museu requer espaço.**

Entrevistador: E o espaço para as pessoas que vierem pesquisarem e terem acesso uma parte da biblioteca e manipular adequadamente os objetos, que tem muitos objetos ali, que requer um cuidado de manuseio.

**Dr. Alípio Bordalo:** E de Museólogos.

Entrevistador: Mas, o Museu, algumas que já visitei, o daqui de Belém, tem um rico acervo, um rico acervo, que as pessoas e as autoridades prestar mais atenção a esse espaço aqui. Olhar mais pra essa importância dessa História que é da Santa Casa, em que é uma História muito bonita. E conseguir um apoio do IBRAM, os editais que está tendo ai, a semana dos Museus a Santa Casa poderia participar também.

**Dr. Alípio Bordalo:** Recebemos sempre correspondência do IBRAM (a secretaria nos fala que receberam o email, mas falta apoio da diretoria e recursos, são apenas os dois, Dr. Alípio e ela, e fica difícil. Nos tínhamos, um Boletim do Museu, fizemos um, dois e três. O terceiro Boletim, o Marcio Couto Henrique, se entusiasmou e colaborou muito. Mas, quando ele fez concurso para Universidade de História, ele é professor de História, ele é interessante ele é professor de História, mas, também já fez graduação em Museologia. É um cara de valor.

Entrevistador: Muito obrigada Dr. Alípio, pela sua conversa, foi muito prazerosa, muito construtiva.

### **Euler Santos Arruda dia 27 de junho de 2013.**

**Entrevistador:** Bom dia professor Euler Arruda, sou aluna de Museologia da UFPA da turma de 2009, estamos aqui para entrevista-lo, para saber sua trajetória de vida e sua participação do MAHSC com Dr. Alípio Bordalo. Primeiro sua trajetória de vida, sabendo que o senhor foi presidente do Conselho Regional de Museologia.

**Euler Arruda:** Eu me formei no curso de Arquitetura em 1974 na UFPA e depois fiz concurso em 1985 fiz concurso para correios e fiquei como arquiteto por dois anos, depois o professor Antônio Albuquerque convidou que fosse lecionar arquitetura na UFPA e estou lá já a 34 anos. Então nesse espaço de tempo tive um convívio muito bom com o museólogo baiano Ildo Barbosa Texeira, no final da década de 70 me pediu para ir a Brasília para fundação e instalação do Conselho Federal de Museologia. Muitos anos veio um arquiteto veio a Belém Edgar Greiche e fez uma palestra falando sobre a *Cidade como Museu*, isso na década de 80, eu fiquei muito interessado e resolvi fazer Museologia e na época era arquiteto da CODEM então a CODEM me mandou fazer o curso em São Paulo e minha orientadora Valdisa Russo, o tema da minha dissertação era Palacete Bolonha, levantei muito material e depois mais recente parte de 2000 e 2001 e gente conseguiu com apoio do engenheiro Sérgio Lobato e Aurea Eliete Ramos Nicolau da Costa, para fazer o livro *do Palacete Bolonha: uma promessa de amor*, Com a Valdisa faleceu e fiquei sem orientador, resolvi fazer no IPU. Instituto de Planejamento de Urbano Regional do Rio de Janeiro fiz o mestrado lá. Tive a felicidade como arquitetura no concurso de arquitetura do CENTUR, e ainda hoje não está concluído, da fui convidado para projetar o Templo Central da Assembleia de Deus, localizado na 14 de março, a Orla do Maçarico, Condomínio, hospitais e outros. Foi o primeiro Diretor do Museu do Estado do Pará, e de modo geral essa é minha trajetória.

O Dr. Alípio me convidou para dar apoio para o Museu e todo o apoio que pude dar orientando como deveria fazer os fichamento as etiquetas e também no que pude o padre Giovane Galo lá na Cachoeira do Arari e na medida do possível ajudamos ele também. Por várias gestões fui presidente do Conselho Regional de Museologia e várias vezes fui representando na região do Conselho Federal e que a gora a presidência do conselho é Antônio Carlos Lobo Soares que é do Museu Goeldi, Arquiteto e Museólogo. Estamos aberto do próprio conselho para entrosamento maior para o curso em que ajudou a fundar trabalho conjunto eu, do Antônio Soares, Edson Farias, Eunice Pena, apoio decisivo do Prof. e Dr. Alex Bolonha. E outras coisas que o Conselho procurou fazer ir aos museus de Cametá em que a situação estava precária, Vigia e Bragança, onde tinha apoio, a profissão de museologia muitas das vezes o apoio para locomoção saía do próprio bolso para ir nessas localidades.

**Entrevistador:** Como conheceu o Dr. Alípio Bordalo?

**Euler Arruda:** Foi através do irmão do Dr. Alípio, Engenheiro Cândido Bordalo, foi presidente do CREA, eu fui conselheiro por 33 anos no CREA, com a amizade com Dr. Cândido que eu conheci o Dr. Alípio, nessas conversas convidou para dar apoio e agente fez o que era possível.

**Entrevistador:** Você se lembra das ideias dele?

**Euler Arruda:** Não ele é abnegado, ele conseguiu arrigimentar um acervo fantástico que vocês conhecem, a gente ajudou no sentido de como fazer as montras, a etiquetar, como fazer os fichamento e essas coisas todas. Anos depois a Santa Casa teve uma data comemorativa importante ele até nos deu a medalha e diploma dessa ocasião, acho que todo o trabalho que agente fez, depois o próprio Conselho Federal de Museologia fez o reconhecimento nos dando a medalha e o diploma do Mérito Museológico Nacional, foi a primeira vez que alguém na região tinha recebido e também mais recentemente a receber Eunice Pena foi Presidente do Conselho Regional de Museologia, presidente do Conselho Federal de Museologia muitas vezes, o Conselho não tem sede própria funcionando na casa dela em uma sala onde encontra os arquivos do Conselho.

**Entrevistador:** A medalha foi resultado do serviço da Santa Casa ou dos outros serviços?

**Euler Arruda:** Foi um conjunto de serviços, que o conselho daqui indica manda currículo fotografias, currículo comprovado e ai então conforme isso agente participou do evento, uma honra em participar e receber junto com a homenagem póstuma da Valdisso Russio e outras expreções internacional foi muito bonito e não é fácil ser museólogo, a medida do trabalho conjunto do curso e do conselho agente sensibiliza as pessoas e os políticos para abrirem mais vagas para museólogo, vários espaços, porque há a necessidade que isso aconteça do trabalho de profissionalização para que as pessoas não destruam o acervo.

**Entrevistador:** Você ajudou com as vitrines para a primeira exposição do Museu da Santa Casa?

**Euler Arruda:** Eu ajudei no projeto, orientei como deveria fazer e nas vitrines do Museu do Estado, painéis foram emprestado depois conseguimos que ficassem lá

Nasceu em Belém em 24 de dezembro de 1950

**Entrevistador:** Qual o significado do Museu da Santa Casa, a importância dele na cidade de Belém, porque é um patrimônio secular gostaria saber sua opinião sobre o museu?

**Euler Arruda:** Eu acho que a importância do Museu da Santa Casa é um importante como memória da medicina, agora o grande problema é que ele não tem muita divulgação ou fizessem chamadas para as pessoas visitarem o museu que a entrada é gratuita a visitação ajudasse a formação de guias para a visitação e acho que nesse sentido pode ser feito eu acho que o Dr. Alípio pode falar até com detalhes, por ser médico, o que impeça a visitação. Ajudei também apenas por curiosidade o museu do Barata, por forma de curiosidade, a montar a exposição para a inauguração do memorial. A constituição do Pará de 89 ela tem na área da secção de cultura tem um dispositivo não recorde agora os dados da parte do tombamento que

determina o banco oficial do Estado ele ajude financeiramente os museus as bibliotecas os arquivos e isso nunca aconteceu, isso é uma outra batalha para que junto a classe política os governador e Secretário da Cultura que isso venha ocorrer.

**Entrevistador:** Com suas palavras como foi que aconteceu o curso de Museologia?

**Euler Arruda:** Logo que voltei de São Paulo em 1985, voltei a trabalhar com Eunice Pena e Antônio Soares, pessoas da filosofia minha memória não é a mesma nós montamos o projeto pedagógico a medida que ia andando o projeto sempre era boicotado e não conseguimos aparecia, apareceu um parecer que ainda não era tempo e que era para deixar para depois. Diante disso nos fomos para UEPA montamos o mesmo projeto lá com Reitor da época o processo era bastante volumoso todo organizado ai então houve parecer favorável para a instalação no Estado do curso na UEPA na Municipalidade, esse processo depois do parecer, sumiram com o processo, não sei qual o interesse, sumiram com o processo. Ai eu voltei com o seu Alex, seu Alex você sabe da luta da gente você sabe o que aconteceu? Ai ele falou: Vamos fazer o seguinte isso vai sair da Filosofia e vai pro ICA. Ai deu orientação para o Edson Farias para que o curso ocorresse, ele queria que antes da final da gestão dele que o curso de fato acontecesse e ele cumpriu com isso. Por isso é uma das pessoas que quando tivesse a colação da formatura da primeira turma certamente deve estar presente, junto com a Eunice Pena e outras pessoas.

**Entrevistador:** Muito obrigada pela sua entrevista, parabêniso pelas suas obras e, além disso, pelo seu livro e os dados aqui informados.

### **Entrevista por email do Márcio Couto Henrique dia 15 de julho de 2013**

Prezada Wanderlena,

Segue abaixo minhas respostas. Estou em Altamira. Daqui sigo para Natal e São Paulo.

Boa sorte na pesquisa, Márcio Couto.

Quando foi que o senhor começou a trabalhar no museu?

**Márcio Couto:** Trabalhei no MAHSC durante um ano, entre abril de 2008 e abril de 2009. Fui o primeiro e único historiador concursado para o museu. Saí de lá depois que passei em concurso para professor na UFPA.

Qual foi sua impressão diante do acervo?

**Márcio Couto:** É um rico acervo, mas que guarda pouco da história de uma instituição tão antiga na Amazônia. O acervo privilegia a história da medicina do ponto de vista oficial, o

ponto de vista dos médicos. Como denunciei em meus artigos, a Santa Casa não tem demonstrado muito compromisso com a preservação dos documentos da instituição. Muitos documentos importantes foram simplesmente jogados fora. Desse ponto de vista, a atitude do Dr. Alípio Bordalo, idealizador do museu, é louvável e graças a ele o museu ainda existe. Não sei se o museu terá vida longa depois que Dr. Alípio Bordalo sair de lá.

Houve algumas orientações ou modificações, quanto a exposição, durante o senhor trabalhar no museu? Quais foram?

**Márcio Couto:** Procurei transformar o museu num espaço de pesquisa e produção de conhecimento histórico. Produzi alguns boletins informativos, divulgando as peças do acervo. Também me preocupei em, a partir do museu, reforçar os laços identitários entre os funcionários e a instituição. Como o espaço era pequeno, não havia muita opção quanto a exposição dos objetos. Mas, retirei documentos antigos que estavam escondidos em armários e dei mais visibilidade a eles. Também retirei o órgão que estava abandonado, estragando capela antiga e levei para o museu. A capela antiga faz parte do museu e parte do meu esforço foi no sentido de conseguir recursos para restaurá-la, mas até hoje ela segue em risco de desabar. Isso vai acontecer a qualquer hora, o que será uma grande perda. Meu trabalho todo foi muito solitário, sem apoio, sem recursos, tinha que usar meu próprio computador para trabalhar e enfrentei muitos inimigos internos, gente que não tem interesse nenhum na existência do museu. Todo o meu trabalho se encerrou com a minha saída.